



# COMUNIDADE JESSÊNIA

DE ESTUDOS DOS MISTÉRIOS ESPIRITUAIS GNÓSTICOS

## Pontos comuns entre o ensinamento dos Jessênios, Jacob Boehme, Von Eckharthausen e Rosa-Cruzes da Idade Média.

### ÍNDICE

<b>Introdução</b> .....	2
<b>Paralelo 1</b> O que os jessênios ensinam sobre astrologia? .....	6
<b>Paralelo 2</b> O que os jessênios ensinam sobre a magia?.....	9
<b>Paralelo 3</b> Os jessênios praticam magia ou ioga sexual? .....	13
<b>Paralelo 4</b> Por que os jessênios baseiam-se tanto em rosa-cruzes da Idade Média, como Boehme e Eckharthausen, dos séculos XVII e XVIII d.c., e até mesmo em outras comunidades esotéricas mais antigas, como a dos cristãos gnósticos de Nag Hammadi e dos essênios, e, em contradição, dizem-se voltados para Aquarius e para o futuro?.....	17
<b>Paralelo 5</b> Os jessênios praticam algum tipo de ocultismo? A Cabala não seria uma forma de ocultismo? Os jessênios praticam mantras? .....	22
<b>Paralelo 6</b> Os jessênios têm laços com algum movimento armado? Buscam eles alguma forma de paz armada? .....	30
<b>Paralelo 7</b> Afirma-se que boehme não contribuiu com a arte da magia e nem com o conhecimento espiritual, tendo sido apenas um religioso místico dotado de uma iluminação notável, mas muito pessoal. O que os jessênios acham dessa opinião? .....	32
<b>Paralelo 8</b> Não temos notícia de como os grupos duodécuplos jessênios lidam, em suas reuniões, com a questão prática da demolição do eu. Poderemos, ao menos basicamente, saber como é tratada essa questão? .....	37
<b>Paralelo 9</b> Podemos saber algo sobre as origens da comunidade jessênia, e como o trabalho dela veio até o ocidente? A Comunidade Jessênia nasceu de alguma dissidência de outras ordens? .	40

## INTRODUÇÃO

Caro amigo pesquisador,

Para efeito de melhor compreensão do que é nossa Comunidade ou Escola de Mistérios, disponibilizamos este artigo, no qual abordamos, com profundidade, nossas ideias e instruções, e apontamos os pontos de contato entre nosso ensinamento e a Doutrina Universal, a Sabedoria Clássica. Neste escrito falamos de nossas práticas, como as organizamos e ministramos na forma de caminho espiritual iniciático, bem assim de onde partiram suas bases.

Para tanto, escolhemos – dentre os muitos sábios, profetas e grandes iluminados que de tempos em tempos a Fraternidade da Luz tem enviado para o nosso meio – um dos que consideramos de incomparável estatura espiritual, um centro em torno do qual gira a instrução iniciática da Comunidade Jessênia. Trata-se de Jacob Boehme.

Jacob Boehme nasceu no ano 1575 d.C, numa pequena cidade da Alta-Luffácia chamada Alt-Seidenburg, não muito distante de Goerlitz, antiga Alemanha. De origem humilde, tinha pais pobres, porém, de vida honesta. Quando atingiu certa idade, estes o encarregaram de tomar conta dos animais, tarefa comumente atribuída às crianças naquela região, e mais tarde descobrindo no garoto elevadas aspirações, enviaram-no à escola, onde aprendeu a ler e escrever. Depois, foi iniciado no ofício de sapateiro.

Durante o aprendizado, ocorreu-lhe o que nos parece ser seu primeiro contato com alguém da Grande Fraternidade dos Hierofantes manifestada na Terra. Conta-se que, na ausência de seus mestres de ofício, um senhor, vestindo-se muito simplesmente, de bela aparência e aspecto venerável, entrou em sua loja e quis comprar um par de sapatos. Boehme não ousou vendê-los, pois não tinha autorização para fazê-lo e sequer sabia o preço. Entretanto, diante da insistência do desconhecido, Jacob determinou um valor excessivo, esperando desestimular a compra e, assim, evitar qualquer censura de seus mestres. Entretanto, o estranho pagou o preço pedido, apanhou os sapatos e saiu. A alguns passos da loja, deteve-se e, com voz alta e decidida, disse: *“Jacob, vem até aqui!”* A princípio, o jovem ficou surpreso por esse homem totalmente desconhecido tê-lo chamado pelo nome de batismo. O estrangeiro, com ar sério porém amável, dirigiu-lhe um olhar cintilante de fogo e, tomando-o pela mão direita, continuou: *“Jacob, és pouca coisa, porém transformar-te-ás em outro homem; serás tão grande que te tornarás motivo de espanto para o mundo. Por isso, sê piedoso e temente a Deus, reverencia a Sua palavra e lê cuidadosamente as Santas Escrituras, nas quais encontrarás consolo e instrução, pois te estão destinadas muitas provações: sofrerás pobreza, miséria e perseguições. Sê corajoso e perseverante. Deus te ama e está a teu lado”*. Depois disso, fitando-o com olhar penetrante, o estranho apertou-lhe a mão e partiu. Não há indícios de que se tenham reencontrado.

Boehme ficou assombrado com a predição e a exortação daquele homem desconhecido, cuja fisionomia jamais abandonou sua mente. A partir de então, Boehme tornou-se mais austero e atento às suas ações, de modo que pouco tempo transcorreu entre esse chamado e seu santo Sabat, o glorioso repouso da alma e a alta contemplação divina.

Depois disso, passou a buscar a renúncia aos prazeres da juventude com maior zelo. No ano de 1600, então com 25 anos, foi outra vez arrebatado pela Luz divina. Na súbita visão

de um vaso de estanho polido, que refletia a luz do sol com um esplendor maravilhoso, percebeu que podia contemplar as coisas na profundidade de seus fundamentos.

Querendo banir do seu coração as dúvidas a respeito dessa nova iluminação, e temendo tratar-se de uma ilusão ou alucinação, atravessou a ponte de Görlitz, próxima de sua casa, para buscar paz nos campos cobertos de verdor. No entanto, esse dom de visão, que acabara de receber, persistia e se tornava cada vez mais claro, de modo que, por meio das *signaturas* – formas, tintas e cores – das coisas à sua volta, Boehme pôde penetrar no coração e na natureza mais secreta de todas as criaturas. Com esse dom, fez diversas verificações ao longo de sua vida, assentando-as numa extraordinária obra denominada *De Signatura Rerum* – A Assinatura das Coisas – escrito vinte e um anos mais tarde. Nesse livro ele desenvolve, com profundidade, a capacidade de seu novo dom e o conhecimento por ele proporcionado.

Toda a vida de Boehme foi um só testemunho sobre como as Trevas combatem violentamente a Luz. Esse homem iluminado, repleto de dons proféticos, vítima de toda sorte de crueldades, de maledicência e de golpes sutis contra sua vida pessoal e espiritual triunfou, sempre utilizando os instrumentos da Luz contra a maldade.

Em 1610 chamado pela terceira vez pelo dom profético iluminativo, foi cumulado de novas faculdades espirituais, ainda mais notáveis. Aquilo que nas visões anteriores lhe pareceu multifacetado revelou-se, então, como uma misteriosa Unidade. Boehme reconheceu, por esses novos dons, que toda a separatividade é obra do mal e está destinada a se render diante da Unidade. Agora ele reconhecia a ordem divina da Natureza Original e sua luta para, nas mãos do Messias de Deus, vencer a natureza corrompida por Lúcifer.

Boehme resolveu, então, anotar tudo quanto lhe revelavam, pouco a pouco, suas novas faculdades espirituais. Em 1612, escreveu um livro que intitulou “*A Raiz da Filosofia, da Astrologia e da Teologia*”, que ficou mais conhecido com o nome de “*Aurora Nascente*”. Ele nunca pretendeu divulgar ou levar a público esse livro, mas um cavaleiro chamado Karl von Endern, tomando conhecimento da obra, desejou conhecer melhor aquele tesouro oculto. Convenceu Boehme a lhe emprestá-la, dividiu-a em diversas partes e, com alguns amigos, pôs-se a copiá-la dia e noite. Um rumor a respeito da obra espalhou-se e chegou aos ouvidos do pastor-primaz de Görlitz, Gregor Richter, que, mesmo sem tê-la lido ou examinado, condenou-a de púlpito, como é costume dos que se limitam ao estreitismo dos dogmas e da fé cega.

Em um só eco ao pastor principal de Görlitz, os homens religiosos da cidade e arredores usaram o púlpito de suas igrejas (lugar que, segundo Boehme, deveria ser sagrado e usado unicamente para fazer soar o santo Verbo de Deus), com a finalidade de induzir toda a comunidade a ver aquele santo homem como um agente do demônio e um perturbador perigoso da ordem espiritual, que deveria, a todo custo, ser banido por causa de seus escritos e ensinamentos heréticos. Esses detratores nunca leram sequer uma das obras de Boehme e apressavam-se, constantemente, a condená-las como funestas e venenosas para a cristandade.

Levantando toda sorte de calúnias, difamações, falsas opiniões e falsos testemunhos, esses inimigos da Verdade acabaram arrancando, das autoridades, uma condenação. As línguas de tigre, de víboras, molhadas em venenoso falatório infernal conseguiram, com a lei local, uma tentativa de banimento de Boehme, mas muitos dos que haviam lido a sua obra com sincero cuidado e se aproximado de seus ensinamentos agiram e evitaram tal condenação. Porém, o tribunal que intimou Boehme e o fez aparecer como réu em sua corte

conseguiu proibi-lo de escrever, recomendando-lhe o provérbio: “*Sutor ne ultra crepidam*” (O sapateiro não vai além do sapato).

Esse homem pacato e humilde submeteu-se a essa ordem por sete longos anos, mas sem poder resistir ao fogo do Espírito de Deus crepitando fortemente em seu interior, escreveu o seu segundo livro em 1619, conhecido como *Os Três Princípios da Essência divina*. Seu dom profético e a sua iluminação haviam, então, chegado à maturidade.

A cada rumor de uma nova obra, as autoridades e os religiosos apressavam-se em utilizar as igrejas e toda sorte de lugares públicos para disseminar boatos falsos e imorais sobre a pessoa de Boehme. Acusavam-no de perturbador perigoso, disfarçado de profeta e mestre espiritual, capaz de causar divisão no seio das comunidades cristãs. Testemunhas novas se erguiam de todos os lados para dizer, movidas pelo ardor da fé cega, que viram o pobre sapateiro cometer os mais absurdos atos libidinosos, ou movimentos duvidosos e satânicos. Sua loja de sapatos ficou arruinada, decidiu, então, ser comerciante de lãs.

Com toda certeza, Boehme, com sua vida social e espiritual, tipificou bem todos aqueles que, movidos pelas mesmas chamas interiores e pelo mesmo dom profético iluminativo, decidem entregar-se às santas letras (ao ato de escrever ensinamentos sagrados movido pelo Espírito de Deus – segundo o define o próprio Boehme em suas obras). Todos eles foram severamente perseguidos pelas autoridades e hierarquias religiosas, por pessoas, comunidades e organizações voltadas a explorar a fé cega dos que, sem as qualidades de almas perscrutadoras e investigadoras da Verdade, entregam-se facilmente à subserviência.

Quanto a essa tipificação, não há idade ou tempo que a modifique ou suavize. Em pleno século XXI, o nosso Mebaker, senhor Jodachay Bilbakh, e alguns dos seus discípulos, sofre as mesmas condenações porque ousou revelar, com seu poder profético iluminativo, o conteúdo esotérico das obras de Boehme, dos documentos arqueológicos de Nag Hammadi e de Qumran, bem como dos essênios e dos cristãos gnósticos. Essa é a causa principal da perseguição a ele e à sua comunidade oriental de discípulos, e da destruição de suas obras e loja de livros raros.

As obras do Senhor Jodachay Bilbakh têm a mesma sina das obras de Boehme: freqüentemente são tachadas de conter a obscura Cabaláh antiga e de estarem repletas das mais crassas heresias e diabólicas instruções mágicas. Esse julgamento sempre vem dos que não as leram, ou as leram tão superficialmente que sequer sabem de quantos capítulos são formadas, e quais os seus principais assuntos.

Sim, uma obra que contém conhecimentos de Cabaláh e de Gnosis e sustenta o legítimo trabalho espiritual de uma Comunidade de discípulos, por mais nobre que seja, é odiada pelos que amam as trevas, a ignorância e a cegueira. Esses apressam-se em prejudicar sem a mínima verificação, e quando alertados por espíritos mais sensíveis de seu péssimo gosto por julgamentos sumários repletos de más intenções, reagem com toda sorte de falsos testemunhos, com interpretações propositadamente dúbias e falaciosas, com ódio e difamação. O resultado dessa obra das trevas faz-nos crer, com razão, que o século XXI traz consigo o mesmo homem selvagem e primitivo, rústico e ignorante dos primeiros séculos.

Boehme foi muito odiado porque, já na sua primeira obra, *Aurora Nascente*, ousou escrever sobre FILOSOFIA, ASTROLOGIA E TEOLOGIA. Ele mesclava, de forma harmônica e iluminada, temas de Cabaláh, de Astrologia, de Magia Alquímica e de Filosofia

Hermética. Em uma cidade inteiramente protestante, o ódio não tardou a persegui-lo com intensidade.

Mas, ao mesmo tempo, homens de talhe espiritual e de índole totalmente aquecida pelo Espírito da Luz divina se acercaram de Boehme formando um círculo de admiradores e discípulos. Sabemos que ele se tornou respeitado por rosa-cruzes, cabalistas cristãos, alquimistas, médicos hermeticistas e buscadores do caminho espiritual.

Os jessênios modernos também são profundos admiradores de Jacob Boehme. Nisso se fazem irmãos dos rosa-cruzes modernos, de muitos grupos alquímicos, de martinistas e de todos os que, livre e sabiamente, se voltam para a pesquisa e busca da Verdade.

Tomando por alicerce a grande admiração que temos por Boehme, resolvemos acrescentar, na *home page* da Comunidade Jessênia (<http://www.jessenios.com.br>), um trabalho que revele com clareza a nossa inspiração nesse grande cristão cabalista, cujas ideias e instruções formam a base hermética e filosófica dos graus internos jessênios e dão contorno a tudo o que ensinamos sobre o Caminho dos Mistérios crísticos.

A finalidade desse procedimento é mostrar para o pesquisador de língua portuguesa o tipo de ASTROLOGIA, de MAGIA alquímica e de CABALA CRISTÃ que os jessênios praticam, por meio de um paralelo entre o que ensinam e o que está assentado como instrução nos diversos livros de Jacob Boehme.

Acrescentamos também diversos trechos dos documentos descobertos em Nag Hammadi, em Qumran e em outras localidades, e penetramos igualmente no conteúdo dos escritos dos rosa-cruzes primitivos, estes também admiradores de Jacob Boehme e de tudo o que sua iluminação gerou como ensinamento iniciático cristão e hermético.

Queremos, sobretudo, tornar conhecido o ensinamento desse grande arauto da Luz, rosa-cruz, cristão convicto, cabalista iluminado, e mostrar excertos de sua vasta biblioteca para um público que o conhece muito pouco.

## **PARALELO 1**

### **O QUE OS JESSÊNIOS ENSINAM SOBRE ASTROLOGIA?**

Observemos o seguinte extrato do livro *Aurora Nascente* de Jacob Boehme:

“Prefácio – item 1: Benevolente leitor, eu comparo toda a Filosofia, a Astrologia, a Teologia, juntamente com a fonte de onde elas derivam, a uma bela árvore que cresce num soberbo jardim de delícias.”

“Prefácio – item 9: Ora, a natureza tem em si [e nessa árvore] duas qualidades, e isto até o julgamento de Deus; uma é amável, inteiramente celeste e santa; a outra é áspera, infernal e devoradora.”

“Prefácio – item 10: A qualidade boa opera e trabalha continuamente com grande atividade para [fazer a árvore] dar bons frutos, nos quais o Espírito Santo domina, e ela dá para isso sua seiva e vida. A qualidade má compele e se empenha também com todo o seu poder para dar sempre maus frutos, e o domínio lhe fornece para isso sua seiva e sua chama infernal.”

“Prefácio – item 11: Estas duas coisas [ou espécies de qualidades] estão agora na árvore da natureza; e os homens são formados desta árvore e vivem no meio de uma ou de outra qualidade neste mundo, nesse jardim, em grande perigo, exposto ora ao ardor do sol, ora à ‘chuva’, ora ao ‘vento’ e à ‘neve’.”

“Prefácio – item 17: Mas como o homem tem tendência para ambas as qualidades [ou seja, tende tanto à natureza má quanto boa], pode ligar-se à que lhe apraz, porque vive entre uma e outra neste mundo; e as duas qualidades, boa e má, estão nele. Naquela em que se move, dela será imediatamente revestido: ou da força santa, ou da força infernal.”

“Prefácio – item 84: Eu dei a este livro o nome: A ‘Raiz’, ou a ‘Mãe da Filosofia’, da ‘Astrologia’ e da ‘Teologia’. Para saber do que ele trata, observai o seguinte: pela Filosofia, considera-se o poder divino; o que é Deus e como a natureza, as estrelas e os elementos são criados da essência de Deus, do qual toda coisa tirou sua origem; como são criados os céus, a terra e o inferno, assim como os anjos, o homem, o demônio e tudo o que existe como ‘criatura’; além disso considera-se também o que são as duas qualidades [a boa e a má] da natureza: tudo segundo um fundamento real no conhecimento do espírito, segundo o impulso e o movimento de Deus.”

“Prefácio – item 85: Pela Astrologia, consideram-se as ‘Virtudes’ da natureza, das estrelas e dos elementos; como que desta fonte provieram todas as criaturas; como que estas mesmas ‘virtudes’ [passam das estrelas para o mundo] e estimulam, governam e operam em todas as coisas, fazendo, assim, com que o bem e o mal achem-se neste mundo e nele dominem; e como os reinos do céu e do inferno nele subsistem.”

Eis acima, nas palavras de Boehme, o que nós, jessênios, entendemos por Astrologia. Como ele mesmo afirma no item 86 daquele prefácio, “o nosso objetivo não é expor o curso, o lugar e o nome de todos os astros, nem de fazer com eles horóscopo, tampouco mostrar como eles fazem anualmente sua conjunção, sua oposição, ou sua quadratura e outras coisas

semelhantes que a astrologia comum tem por costume fazer e expor, dizendo como fluem e operam cada ano e em cada lua”. Também não é esse, absolutamente, o objeto da Astrologia jessênia, tanto que, para evitarmos confusão com a arte astrológica comum (aquela que propicia os horóscopos de jornais e revistas e vaticina sobre o destino dos homens segundo observações físicas através de lunetas e de mapas astrais) demos à nossa ciência o nome de *Astrosofia*.

Esse termo, muito desconhecido do esoterismo geral, presta-se, portanto, para nomear a nossa ciência de observar como o Poder Divino do Espírito da Luz luta no coração dos astros de qualidade má, a fim de fazer afluir a qualidade boa ao nosso planeta de sombras (nome dado pelo profeta Isaías no capítulo 9 de seu livro). É também o termo que utilizamos para o estudo da ação da natureza má no seio dos planetas e astros, formando o fluxo da natureza infernal, o *Fatum* (destino horoscópico), como o denomina Hermes Trismegistro no livro *Poimandres*.

Numa grande e profunda exposição, em seu livro *De Signatura Rerum* (A Assinatura das Coisas), capítulo XI, Boehme leva seu leitor a uma aproximação sem igual dos segredos da Astrosofia. Destacamos a seguinte parte desse escrito:

*De Signatura Rerum* – XI, item 65: “Também o filósofo pode ter o seu corpo neste vale de lágrimas e libertá-lo da doença, até a constelação mais alta de Saturno.”

Boehme refere-se à operação alquímica, ao processo espiritual, pelo qual o discípulo ou o filósofo sob o domínio das estrelas em qualidades astrais más pode livrar seu corpo material da doença da queda, da enfermidade do erro e da vida calcada nas atitudes ímpias e na natureza má (*Fatum*), e colocá-lo no estado que ele denomina, no *Aurora Nascente*, árvore de natureza e qualidades boas, fazendo-o dar bons frutos.

Deve-se entender, evidentemente, que o corpo material, mesmo após limpo das doenças e dos efeitos da Queda, não será levado ao mundo futuro e espiritual, o Reino de Deus, pois, ainda que puros, carne e sangue não entram no Reino do Espírito. Nesse item do *De Signatura Rerum*, Boehme quer dizer apenas que este corpo pode, por um processo alquímico, ser purificado das influências infernais que borbulham no coração dos astros e estrelas e, vazio dessas forças, adquirir a condição de livrar-se das doenças e sustentar a alma em sua busca da Verdade e da libertação final, estado, em que, revestida de um corpo luminoso e imperecível, abandona o corpo terrestre e mortal e entra nos domínios da Luz de Deus.

Esse processo ou operação alquímica, inspirado na Cabaláh, Boehme chama de ‘Redenção’, e, na Alquimia, de ‘Transmutação’.

Boehme, referindo-se ao processo espiritual de Redenção, profere as seguintes palavras no livro “*A Vida Supra-sensível – Diálogos entre um Discípulo e seu Mestre*”, cap. II, item 16: – “DISCÍPULO: Agora entendo que a principal causa da cegueira espiritual, de quem quer que seja, é permitir que a sua vontade entre em algo exterior, ou em sua própria obra de natureza boa ou má, e estabeleça o seu coração e os seus afetos sobre a obra de suas próprias mãos ou mente. Compreendo que, quando o corpo terrestre perece, a alma fica aprisionada nesse afeto no qual se permitiu entrar. Então, na morte, quando já não habita na luz deste mundo, se a Luz de Deus não estiver no interior da alma, ela só poderá estar numa prisão escura.”

Os jessênios ensinam que, nesta Era de Aquarius, o maior erro do homem que busca a Verdade é envolver-se em grandes obras, quer sejam boas ou más, e nelas perder o seu coração, colocar sua força, seu afeto, desenvolvendo, assim, o apego aos projetos e realizações pessoais. Sem dúvida, muitos estão construindo belas obras na matéria e, para que seus projetos sejam aceitos, buscam motivos espirituais nobres e se inspiram em ideais elevados, mas perante a Verdade, seus corações, desejos e intenções estão voltados para a vaidade e vanglória, o que os arruína totalmente para o processo espiritual da Redenção.

E por que esse é o maior erro do homem moderno em sua busca da Verdade? Os motivos são Astrosóficos. Em Aquarius, o planeta Urano irá destruir tudo o que foi construído com o coração em vanglória e envolvido pela vaidade, ostentação e luxúria. Obras faustosas serão o principal tropeço daqueles que não querem buscar, na simplicidade e na humildade, o caminho espiritual.

O caminho espiritual aquariano, dinamizado pela poderosa força de Urano, tem a marca de ser simples, prático, humilde e pouco dispendioso.

Quanto a isto, a vida, os projetos, as realizações e a pobreza social de Jacob Boehme, contrários à sua grande riqueza espiritual e vastíssima iluminação profética, são uma marca inequívoca de que esse grande Instrutor da Verdade viveu sob o dinamismo da força de Urano.

Esse espírito uraniano profético, que transpira em Boehme e em suas obras, faz do seu legado um precioso tesouro espiritual para a Era Aquariana. Eis por que nós, jessênios, miramo-nos e inspiramo-nos inteiramente nele.



## **PARALELO 2**

### **O QUE OS JESSÊNIOS ENSINAM SOBRE A MAGIA?**

Lemos as seguintes palavras de Boehme no livro *De Signatura Rerum*:

*De Signatura Rerum*, cap. VII, item 38 – “Agora bem: desejamos penetrar todo o processo [de redenção] de Cristo, [queremos] ir com ele desde a eternidade até o tempo e desde o tempo até a eternidade. [Queremos] reintroduzir os milagres do tempo na eternidade e apresentar abertamente a pérola para a glória do Cristo e a vergonha do diabo: os que dormem são cegos, mas os que velam verão as flores de maio.”

“39- Cristo dizia: ‘Buscai e encontrareis, chamaí e se vos abrirá’. Também ele nos tem dado a parábola do Bom Samaritano. Essa parábola é uma representação aberta da corrupção humana e da terra amaldiçoada por Deus”.

“40 - Se queres ser um mago, faz como este Samaritano; de outra maneira não saberias curar o que está ferido, pois o corpo do paciente está meio morto; sua verdadeira veste foi arrebatada, de maneira que não se pode conhecê-lo senão dificilmente, a menos que possuas os olhos e a vontade do Samaritano.”

“41- Isto é: a palavra eterna se manifesta em Adão com a divina essência vivente pelo Mercúrio celeste; mas quando o fogo de sua alma infectou, por meio do diabo, o espírito de sua vontade e o volveu até a substância terrestre mortal pela propriedade da serpente, o Mercúrio celeste desapareceu da essência celeste; a alma buscou o Mercúrio frio, e o espírito de Adão quis possuir a ciência do bem e do mal.”

“48 – Mas o que aqui se ensina ao mago? Quer-se fazer milagres com Cristo e regenerar o corpo corrupto e, para tal, é necessário que primeiro se batize esse corpo. O corpo tem fome do pão de Deus e esta fome contém o Fiat da nova geração, o Mercúrio. O artista deve compreender isto magicamente: é preciso que Deus e o homem se reúnam para serem batizados, como ocorreu com Cristo.”

Essa é a Magia que o jessênio quer praticar: dar ao seu corpo material a semente da regeneração, da transmutação, de tal forma que ele viva neste mundo com seu corpo num estado em que, ao menos, as tendências para o mal estejam erradicadas e que a pérola, enterrada nele, possa irradiar a sua força e comandar o processo do Cristo, o processo da redenção humana.

Boehme compara o trabalho do Mago cristão com o do Bom Samaritano da parábola de Jesus. Esse mago irá encontrar o seu corpo como uma massa material semi-morta e muito ferida na descida da estrada para Jericó, ou seja, na sua existência neste mundo terrestre, neste vale de lágrimas.

Esse corpo é um depósito de desejos e tendências para o mal. Cada obra má por ele dinamizada é como uma ferida mortal que sangra e causa grande dor e fetidez. Estes, por si mesmos, são um veneno causador de mais dor e sofrimento à alma. Nesta tormenta, ela não pode contemplar a sua pérola, ou seja, sua natureza central, divina e luminosa: a Joia no Lótus, que mora no coração.

Neste mundo terrestre, que Boehme chama de “vale de lágrimas”, a alma toma um corpo material composto de elementos caotizados pela queda de Lúcifer. O caos e a queda são a fonte da vida corpórea doente e ferida, repleta de pus. Eis por que o rosa-cruz Karl von d’Eckhartshausen, no seu livro *A Nuvem Sobre o Santuário*, diz: “O estado de doença dos homens é um verdadeiro envenenamento, o homem comeu do fruto da árvore na qual o princípio corruptível e material predominava e envenenou-se por esse gozo.”

“O princípio incorruptível, o *corpo de vida*, cuja expansão constituía a perfeição de Adão, concentrou-se no interior e abandonou o exterior ao domínio dos elementos. Desse modo, a matéria mortal cobriu a essência imortal; as consequências naturais da perda da luz foram a ignorância, as paixões, a dor, a miséria e a morte.”

A Magia e a Alquimia que os jessênios praticam consiste unicamente na libertação da doença da Queda por meio do Mistério redentor do Cristo. Trata-se do mesmo propósito da Alquimia e dos Mistérios antigos, que falavam da total transformação do homem-matéria, dotado de um corpo material corruptível, animal e semi-morto, em Homem-Espírito, dotado de um corpo de vida imortal e incorruptível.

No início do discipulado jessênio combatemos o nosso estado elementar corpóreo e nosso sangue arruinado e adocido. O homem acudido pelo samaritano está, nesse primeiro estágio, semi-morto e desmaiado à beira do caminho da vida terrestre ímpia.

Boehme diz o seguinte sobre isto:

*Mysterium Magnum*, capítulo LXVII, item 4: “Mas como os elementos são privados de razão, e bestiais em sua figura, o espírito astral não pode contemplar-se senão nessa forma de criatura terrestre [animalesca e destituída de razão]. [No caso do corpo material humano dá-se a mesma configuração animalesca e sem razão], a menos que o espírito da alma se atualize com o espírito astral, porque então ele é modelado segundo os propósitos da alma e na verdadeira forma natural. Porque só a alma tem os verdadeiros olhos humanos; o espírito astral [antes de ser remodelado pela alma] não tem senão uma aparência bestial e vê à maneira dos animais.”

“item 5- Entretanto, há uma grande diferença entre uma alma pérfida, que não faz senão tomar cotidianamente uma forma bestial e quer ser bestial, e uma alma divina em que o Espírito de Deus se manifesta: as imaginações [da alma divina] são mágicas e, portanto, diferentes no espírito astral. Entretanto, o animal sonha fantasias [irreais], igualmente um corpo bestial humano também sonha irrealidades, coisas inteiramente sem fundamento, embora ele também tenha em si uma constelação [no espírito astral, ou seja, no seu horóscopo ou mapa astral], quer seja no Bem ou no Mal, no qual o espírito astral reside; mas como aí só há um animal, o modelo de imaginação [não ocorre de modo mágico verdadeiro], porém faz da alegria um sofrimento, e do sofrimento a alegria [dando configuração a uma vida imaginativa bestial e sem razão].”

Quem conhece bem as instruções secretas da Alquimia e a vasta literatura de Hermes Trismegisto, sabe que Boehme está, nesses dois itens, revelando profundamente a “Arte ou Magia Transmutatória”, e deixando um verdadeiro legado espiritual. Ele forma um elo sem igual entre a Bíblia e a Tradição Hermética, mostrando também que Cabaláh, Alquimia e Astrosofia são ciências complementares. Isso aparece nos escritos desse alemão a todo

instante, algumas vezes muito claramente, como no texto acima, outras, de modo muito simbólico e de difícil interpretação.

O tema abordado por Boehme é atual e arrojado para o futuro. Muitos grupos esotéricos giram em torno do tema “sonhos”, alguns atribuindo grande importância à sua análise, influenciados pela psicologia de Jung; outros, dedicando-lhe verdadeiro horror, exigem que seus afiliados sequer deem atenção ao assunto, arrasando qualquer iniciativa a ele relacionada. Boehme não segue nenhuma dessas tendências, mas revela a verdade sobre os sonhos do homem material e mostra como essa atividade mágica ocorre dinamizada pela natureza bestial dos elementos e pela natureza borbulhante do misto de bem e mal do corpo astral, onde mora a configuração horoscópica ímpia. Já no discípulo cuja alma galga a senda iniciática hermética, a “arte ou magia transmutatória” – ensina ele – há o remodelamento do corpo astral e reestruturação dos quatro elementos, de tal forma que os sonhos passam a ser frutos de uma verdadeira “magia astral.”

Esse é o primeiro estágio do processo de Redenção do Homem. O corpo ferido e o sangue são levados ao estado joanino, à condição em que haverá o Batismo e a morte do eu sanguíneo, que vive dos erros dos sete metais ímpios: do chumbo da cegueira e da ignorância, do estanho da vaidade, do cobre da devassidão e da gula, do ferro da cólera, do mercúrio do pensamento que premedita o mal, da prata do orgulho e do egoísmo, e do ouro da luxúria e da ostentação.

Em um segundo estágio, após o eu joanino diminuir a ponto de perder a cabeça, ou seja, quando a cura e o batismo sanguíneo chegarem a tal grau que o cérebro já possa receber as forças da Joia no Lótus, o eu cerebral começa a morrer atrás da fronte. Então, no sistema microcósmico aparecem Jesus e os doze discípulos. Isso significa que os doze pares de nervos cranianos são preenchidos pela força do Zodíaco Apostólico do Logos, e o círculo de fogo, o anel de luz da pineal, é tomado para o processo da manifestação do estado crístico em nós. É o estado da plenitude do Mistério Selativo da Unção.

É nessa segunda etapa que ocorrem os processos que Boehme descreve acima como o sonhar da alma que concebe e busca um caminho espiritual. Este sonhar é uma magia astral positiva e libertadora, em contraposição ao sonhar da alma comum aprisionada inteiramente na inferioridade do seu estado de Queda, que é uma irrealdade e uma completa fantasia sem fundamento.

Na terceira etapa, morrem os sete coveiros que vivem, a partir das sete câmaras cerebrais, ao longo da coluna vertebral. Surgem Jesus e as doze forças apostolares no sistema cerebral; os sete chacras são profundamente tocados para um giro ligado não mais ao tempo e ao reino ímpio zodiacal dos eões, mas à eternidade. Esses chacras, antes coveiros, tornam-se sete diáconos cuidadores das viúvas (Atos, capítulo 6). Assim, nesse estágio, nascem as sete rosas sobre a cruz do discípulo. Esse estado é a plenitude do Mistério Selativo da Redenção ou Transfiguração.

Na quarta etapa, com a morte do eu da coluna vertebral, cuja sede é o osso cóccix, no santuário pélvico, surgem os trinta e três diáconos vertebrais. Com essa morte, desaparece no discípulo todo o ser da roda do carma, toda a sua formação aural interna, onde eram assentadas as experiências e dívidas de vidas de outras personalidades, habitantes anteriores do ser microcósmico. Surge, então, das partes genitais, o que os hindus conhecem como *kundalini*, energia que sobe ao cérebro e ali se une à força que chega da Joia do Lótus. Esse é

o processo que – aliado ao surgimento das funções originais do osso esterno sobre o coração e clavículas, ombros, braços, mãos, e a plenitude que se revela com o reaparecimento do estado humano andrógino primordial pré-Queda – forma o Mistério da Câmara Nupcial.

Essa é a magia praticada pelos jessênios, que Boehme denomina Magia do Bom Samaritano. Ele a revela por meio de uma linguagem de mistérios que mescla Cabaláh, Alquimia e Astrologia. É essa Cabaláh, Alquimia e Astrologia que os jessênios praticam e estudam como processo dos Mistérios libertadores.

Quando Jacob Boehme recorre à Cabaláh para tratar desses assuntos, está em íntima sintonia com os livros secretos da Gnosis judaica, dentre eles o Sêpher haZohar, onde é examinada a questão dos sonhos e a da vitória da Luz sobre o espírito astral da irrealidade e da fantasia. Essa obra também revela como o processo de transformação do homem-matéria, sua estrutura bestial elementar, astral e mental configurada pela atividade ímpia do cosmos em sua natureza borbulhante no bem e mal e opositora à da Luz, se converte em estrutura que permite o desabrochar e desenvolver do Homem-Espírito, o verdadeiro Homem original denominado Adam Kadmon nessa Gnosis cabalística.

O Sepher haZohar, como documento da Gnosis judaica, dá magníficas pinceladas no tema da atividade mágica dos sonhos do homem comum (ferido e desmaiado à beira do estado de vida doente e inferior da humanidade decaída) e do homem em desenvolvimento na senda dos Mistérios libertadores. Outras abordagens desse belo compêndio cabalista seguem um fio de instruções que, sem dúvida, pode ser reconhecido nos escritos de Boehme. Negar esse fato é demonstrar ignorância, tanto dos escritos desse alemão iluminado, quanto da Cabaláh.

No tocante à Cabaláh, os jessênios só se vinculam aos três grandes tratados dessa Gnosis: o Sepher Yetsiráh (século II d.C.), o Sepher haBahir (século IX d.C.) e o Sepher haZohar (conjunto de peças literárias constituído de partes que remontam a antes de Cristo ou ao primeiro e segundo séculos depois de Cristo e de outras partes tardias, dos séculos XII e XIII). Tudo o que aparece além disso com o título de “Cabaláh” não é visto pelos jessênios com interesse e compromisso de desenvolvimento no seu corpo de instruções.

### **PARALELO 3**

#### **OS JESSÊNIOS PRATICAM MAGIA OU IOGA SEXUAL?**

Depois do que dissemos no paralelo 2, podemos nos centrar no que foi a nossa descrição da quarta e última etapa do processo dos Mistérios Gnósticos libertadores, a que faz surgir os trinta e três diáconos vertebrais para, então, podermos apreciar o seguinte extrato das obras de Boehme:

*Mysterium Magnum*, Cap. LXVI – “A belíssima figura de José do Egito, vendido a Putifar; o que se passou em seguida com ele, sua castidade e temor a Deus”.

“item 2 – A história de José do Egito nos prefigura aqui um verdadeiro cristão, mostrando-nos como é e o que constitui a sua vida neste mundo...”

“item 14 – Escuta, és um cristão? Então tu estás morto com Cristo e isento da pérfida vontade de Adão e do orgulho do diabo...”

“item 32 – Moisés continua dizendo a propósito de José: ‘E depois dessa história, aconteceu que a mulher do seu senhor lançou os olhos sobre José e lhe disse: Deita-te comigo! Mas ele se recusou e lhe respondeu: vê, meu senhor não esconde de mim nada que está na casa; tudo o que ele possui colocou nas minhas mãos e nada há de tão importante na casa que ele tenha me ocultado, à parte tu, que és sua mulher. Como deveria eu agora lhe causar tão grande mal e pecar contra Deus? Mas ela dizia todos os dias aquelas palavras a José, e ele não lhe obedecia e não queria deitar-se com ela, nem permanecer junto dela.’”

“Esta é uma imagem poderosa da maneira pela qual as coisas acontecem com os filhos de Deus, quando eles obtêm no renascimento [astral] o governo divino [e o exercem no comando do corpo de carne e suas naturais tendências], porque eles devem, daí em diante, nesta casa de carne e nesta prisão adâmica, agir com seu governo santo e abençoado, e como a alma humana [na sua Queda no Éden] tomou esta mulher luxuriosa e impudica [prefigurada pela mulher de Putifar] no espírito deste mundo e em um desejo bestial da carne e do sangue. Mulher luxuriosa esta que se dirige agora ao pudico José e quer, sem cessar, provocá-lo e atraí-lo à luxúria, a fim de que o novo filho da Virgem novamente se entregue à impudícia com a meretriz bestial, assim como Adão o fez [no Éden e impetrou com essa ação a sua Queda]: é desse concubinato que nasceu a Eva terrestre com a qual se prostituiu, daí por diante, à maneira [sexual] dos outros animais.”

“33 – Esta Eva luxuriosa está ainda mergulhada na carne e no sangue dos filhos de Deus. Ela é a alma animal, ou seja, o espírito mortal pleno de concupiscência má e de impureza, na qual o diabo enterrou a sua espécie [ou natureza] ofídica e, por causa dela, o corpo deve morrer [em suas tendências más] e perecer; da mesma forma é preciso que este espírito bestial seja destruído e entre, de novo, inteiramente em sua mãe, de onde saiu no começo.”

“38 – Tais são as palavras da prostituta de Putifar... Esta prostituta na carne diz, sem cessar, à alma [que quer voltar e permanecer no estado macho-fêmea do Paraíso, estado este de Adão antes da Queda]: ‘deita-te, pois, comigo’; e ela repete todo dia estas palavras, a fim

de conseguir excitar a concupiscência de José, ou seja, do novo filho, para que a alma morda a isca, e ele, com sua bela coroa, seja manchado.”

Nesse extrato das palavras de Boehme ditas no magnífico livro *Mysterium Magnum* temos um muito hermético ensinamento, bastante semelhante ao dos cristãos gnósticos acerca do verdadeiro processo ou Mistério da Redenção divina. José prefigura o discípulo que quer recuperar, por completo, o estado adâmico paradisíaco, o estado do Homem original, mas que vive a triste realidade de estar com a sua alma mergulhada no corpo material, repleto de tendências más, feridas e de sangue arruinado.

O estado hominal paradisíaco, que a Cabaláh denomina Adam Kadmon, dava ao homem de então um estado andrógino, um estado macho-fêmea. O corpo bestial, animal, não existia como realidade para aquela humanidade. Cada ser humano era macho-fêmea, ou, no linguajar de Boehme, uma virgem masculina. Essa virgem masculina não possuía órgãos genitais animais para realizar a reprodução sexual tal qual a conhecemos na existência terrestre atual e decaída. Foi o desejo desse tipo de atividade sexual de um macho separado de uma fêmea, e em forma animal, carnal, que levou a onda de vida humana do Éden a sofrer a Queda.

Boehme diz que o homem recebeu os órgãos genitais no momento lamentável de sua Queda e que, para recuperar-se e voltar ao antigo estado humano paradisíaco, de homem macho-fêmea, terá de abandonar o desejo de reproduzir-se por meio desses órgãos bestiais.

Boehme diz no item 46 do capítulo LXVI do *Mysterium Magnum*: “Quando esse novo e pudico filho da virgem, que está no espírito do Cristo, vê aproximar-se da sua carne e sangue esta meretriz, e o desejo [carnal] se apodera de sua castidade, ele foge da casa, ou seja, este filho da virgem se oculta em seu princípio e não pode, absolutamente, aproximar-se da alma, porque ela está suja do veneno dessa prostituta que ela emitiu em sua concupiscência: é com esse poder que a pureza divina se preserva da vaidade ofídica diabólica.”

E Jacob Boehme, mais adiante, nesse livro, em tom bastante profético – o que o torna atual e próprio para descrever muitas ações dos homens ímpios e hipócritas deste princípio de século – passa a narrar o tipo de armadilha que a mulher de Putifar prepara para o casto José. Boehme diz que são ardis próprios dos que não gostam de ver surgir um nobre cristão aparentado ao casto José, que recebe da Luz maior o governo e a condição de erguer uma verdadeira comunidade cristã na matéria, voltada para a realização dos Mistérios de Cristo.

Nos itens 50 e 51 lemos:

“50 – E Moisés continua: E a mulher de Putifar pôs sua veste ao lado dela até que chegou o seu marido, e ela lhe disse estas palavras.”

“[Lembremos aqui que José, ao ser agarrado pela mulher de Putifar e coagido a executar com ela atos libidinosos, fugiu nu, deixando o seu manto para trás]. Nessa figura nós vemos a perfídia do mundo que recompensa com mentiras seus fiéis servos cristãos. José tinha dirigido fielmente toda a casa e tudo o que passava por suas mãos progredia. Não tendo querido, porém, prostituir-se com esta meretriz, nem se sujar com ela, esta pensou em atentar contra o seu corpo, sua vida [bem como para a sua integridade moral e espiritual], e buscou manchar perfidamente sua honra, porque ela não podia prendê-lo por astúcia e desejo demoníaco.”

“51 – Isto representa, portanto, como um verdadeiro cristão tem cruéis inimigos [dentro da própria casa, onde antes governava bem todas as coisas, e onde tudo realizava com espiritual vontade e cuidadoso discipulado], mas se vê, em toda parte, rodeado de adversários. Mesmo se conhecesse um feliz poder temporal e gozasse do favor e da complacência de muitos homens, não deveria, contudo, fiar-se nisso, porque a serpente diabólica cria armadilhas sem cessar, para que caia. Com efeito, o que ela mesma não pode na carne e no sangue com os filhos de Deus, ela o adquire mediante instrumentos, de sorte que os filhos de Deus são perfidamente traídos, e isto precisamente por causa do seu temor a Deus e sua piedade.”

Esses dois itens mostram bem o que é o processo dos Mistérios de Redenção professados por todos aqueles que desejam retornar ao estado macho-fêmea do Paraíso; e também o quanto são, em sua integridade espiritual e em seu grande e aplicado desejo de abandonar a vontade animalesca do corpo material, acusados de toda sorte de perfídia.

Todo aquele que desponta no caminho hermético espiritual em direção ao Paraíso sofre, por parte dos inimigos, toda sorte de acusações que atentam contra a sua integridade moral-espiritual. Milhões de armadilhas são arquitetadas para que esse parente de José do Egito, esse homem com capacidade hierofântica, ou seja, com capacidade de ajudar outros buscadores da Verdade a encontrar o caminho de volta ao Éden, seja vitimado por acusações e difamações, porém, ele segue firme em direção ao Mistério da Androginia hermética. Nesse estado, como revela o Cristo no Evangelho Gnóstico de Tomé, *não há a proposta de nenhuma atividade carnal bestial, nenhuma abstinência forçada pela vontade, nenhum ato que resulte do mundo psíquico do ego. Pelo contrário! Por efeito da fé gnóstica e da graça do auxílio de Deus, da misteriosa graça da Sabedoria divina, deseja-se a neutralização de toda ação desejosa da carne, representada na história de José do Egito, pela mulher de Putifar.*

Lemos no citado Evangelho de Tomé:

“Dito 114: Simão Pedro lhes disse: ‘Que Maria seja afastada do nosso meio, pois as mulheres não são dignas da Vida’. Jesus, porém, replicou: Eis que vou guiá-la para fazê-la macho, para que ela se torne, assim, espírito vivente semelhante a vós, machos, pois toda mulher que se fizer uma virgem masculina entrará no reino dos céus.”

Quem se propõe a auxiliar Maria Madalena? O seu próprio ego ou o princípio-Jesus, sua centelha gnóstica cardíaca? Esse evangelho deixa claro que o verdadeiro auxílio deve ser buscado na semente-Jesus escondida no Lótus do coração. *É nesse lugar e na sua atividade no sangue e no osso esterno que reside o princípio do processo de transformação de Maria em uma virgem masculina.*

E complementando esse tema, mostramos a seguinte passagem do *Aurora Nascente*, de Boehme:

“*Aurora*, cap. VI, item 12 – Mas não se deve entender isto de modo terrestre, pois um anjo não tem intestinos. Além disso, ele não tem carne, nem osso; mas ele é uma aglomeração da ‘virtude’ divina, da mesma forma e segundo o mesmo modo que o homem com todos os seus membros, exceto aqueles da geração [sexual] e o orifício inferior: ele não tem, aliás, necessidade disso.”

“13 – Porque o homem recebeu seus órgãos de geração [sexual], assim como o orifício inferior, no mesmo instante de sua lamentável queda. Do anjo sai apenas a força divina, que ele apanha com a boca. Assim, ele abrasa o seu coração, e o coração abrasa todos os membros; ele o exala em seguida, pela boca, quando fala de Deus e o louva.”

Os jessênios, portanto, inspirados em Boehme e nos antigos cristãos gnósticos, não praticam nenhuma atividade sexual espiritualizada, pois acreditam que, deste modo, estariam se prostituindo com “a mulher de Putifar”. Pelo contrário, não forçam a natureza humana, e ao sentirem que na carne e no sangue há uma voz muito alta dessa “mulher de Putifar”, não a recriminam ou lhe aplicam qualquer tipo de exercício iogue. Conhecendo bem o caminho alquímico sugerido por Boehme, deixam a natureza corporal em sua própria forma de ser e se escondem no princípio oculto acima da alma animal, indicado nas Escrituras como “cárcere do Faraó.”

De tudo quanto é muito hermético nesse caminho alquímico sugerido por Boehme e praticado pelos jessênios, temos a dizer que nele não há nem atividade sexual espiritualizada, nem abstinência forçada e guiada pela natureza comum da vontade humana, embora, por algumas vezes, ao longo da nossa literatura, tenhamos citado a Tantra Ioga e a tenhamos comparado ao livro da Toráh chamado Levítico. Fizemos isto para mostrá-la como um processo do passado, portanto obsoleto como via espiritual libertadora nos atuais dias aquarianos.

Quanto a isto não devemos esquecer que os jessênios perscrutam profeticamente toda a vasta literatura sagrada mundial, retendo dela somente o que tem aplicabilidade em Aquarius. No seu modo livre de guiar os buscadores da Verdade, eles apontam Paulo como o arquétipo do Homem Espiritual, mostrando o seu incomparável testemunho sobre esse assunto, nas seguintes palavras: “Li tudo, retive somente o que era bom.”



#### PARALELO 4

### **POR QUE OS JESSÊNIOS BASEIAM-SE TANTO EM ROSA-CRUZES DA IDADE MÉDIA, COMO BOEHME E ECKHARTHAUSEN, DOS SÉCULOS XVII E XVIII D.C., E ATÉ MESMO EM OUTRAS COMUNIDADES ESOTÉRICAS MAIS ANTIGAS, COMO A DOS CRISTÃOS GNÓSTICOS DE NAG HAMMADI E DOS ESSÊNIOS, E, EM CONTRADIÇÃO, DIZEM-SE VOLTADOS PARA AQUARIUS E PARA O FUTURO?**

Lemos no Evangelho Gnóstico de Tomé (dos achados de Nag Hammadi):

“Dito 88: Jesus disse: Os Anjos virão em vossa direção, assim como os profetas, e vos darão o que é vosso. E vós deveis dar-lhes o que tiverdes nas mãos, dizendo-lhes: que dia vocês virão buscar o que é vosso?”

Os profetas foram os únicos homens do passado remoto que anteviram o futuro. Essa antevisão, agora, é como uma joia que nos pertence. Entretanto, no grande todo dos ensinamentos antigos, devemos reconhecer o que pode ser praticado atualmente e o que já é obsoleto.

Os essênios praticavam a circuncisão, como velha Aliança da Divindade com Abraão, e o batismo por antecipação dos dias futuros, prevendo a manifestação do Messias em Israel e no mundo. Os jessênios, ao se mirarem neles, não realizam a circuncisão, pois sabem que já não é um método libertador, porém, praticam o batismo que os essênios observaram em suas visões proféticas como o método messiânico libertador da Era de Peixes e de Aquarius.

Os essênios praticavam a Lei de Moisés, por um lado, e por outro, os Cinco Selamentos de Mistérios: Batismo, Refeição Sagrada, Unção, Redenção (também chamado de Transfiguração ou Transmutação) e Câmara Nupcial (ou Bodas Alquímicas). Os Cinco Mistérios Selativos eram executados como uma prefiguração dos dias futuros, quando se manifestaria o Messias e o seu Reino divino. Os jessênios, a esse respeito, não seguem a Lei de Moisés, a Lei do Velho Testamento, mas realizam os Cinco Selamentos de Mistérios. Desse modo, conduzem seus alunos ao Batismo, à Unção, à Refeição Sagrada (reunião de um grupo de duas a doze pessoas). Também estudam e praticam o processo dos Mistérios da Redenção, ou Transfiguração, e os Mistérios da Câmara Nupcial, ou Bodas Alquímicas.

Os jessênios ensinam que os Mistérios da Câmara Nupcial, os Mistérios que transformam a alma humana em virgem masculina, em macho-fêmea ou andrógina, ocultam-se no coração, no sangue e no conjunto de ossos formados pelo esterno, clavículas (pequenas chaves) e omoplata, onde estão encolhidas as asas do anjo adâmico do princípio, do Adam Paradisiaco. Sobre esse grupo de ossos Isaías profetizava: “(IS 22:22) - ***E porei a chave da casa de Davi sobre o seu ombro, e abrirá, e ninguém fechará; e fechará, e ninguém abrirá***”. O mesmo profeta também disse: “(IS 9:6) - ***Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu, e o principado está sobre os seus ombros, e se chamará o seu nome: Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz.***” Há, ainda, uma profecia mais antiga e misteriosa profecia, voltada para mostrar como o homem, em seu erro, caiu do Éden, tornando-se como as bestas, como animais divididos em duas cargas, isto é, em dois sexos - aprisionado sob o jugo e tributo de uma existência mortal e antidivina: “(GN 49:14) – *Issacar*

*é jumento de fortes ossos, deitado entre dois fardos. (GN 49:15) – E viu ele que o descanso era bom, e que a terra era deliciosa, e baixou seu ombro à carga e serviu debaixo de tributo.”*

Neste início de Era de Aquarius, os jessênios praticam tudo quanto os essênios profetizaram como processo de libertação para o presente. A literatura e as práticas essênias mostram-nos o que pode, hoje, ser realizado como processo libertador, e o que deveria ser levado a efeito somente até o fim da Era de Áries e começo da Era de Peixes. Os nossos estudos dos escritos das descobertas de Qumran, bem como de todo o legado dos demais grupos gnósticos, como os cátaros, rosacruz primitivos etc, são orientados por nosso Mebaker (Hierofante), que nos ajuda a distinguir o que é próprio para a atualidade e o que já não o é.

Na literatura de Jacob Boehme, entretanto, temos um espírito profético sem igual, de tal forma que, em suas obras, estão os grandes sinais reveladores do processo libertador aquariano. E ali podemos buscar, com grande profusão, os segredos da prática alquímica de libertação ideal para essa Era de Aquarius. Eis por que os jessênios prezam profundamente Jacob Boehme.

Em suas obras, Boehme fala amiúde do Batismo como peça fundamental do Mistério da Redenção do Messias. Para ele, ninguém pode julgar-se verdadeiro buscador da Verdade e seguidor do Messias, se não recebe esse maravilhoso Selo de Mistério como início de sua caminhada espiritual.

É por causa disto que os jessênios não só querem traduzir, mas ler e praticar cada um dos ensinamentos dos livros de Jacob Boehme. É ali que eles encontram a mais pura Gnosis e a mais elevada Cabaláh cristã, em cujo cofre escondem-se as chaves do verdadeiro cristianismo esotérico libertador.

Os jessênios estudam, com zelo, o conteúdo hermético da Bíblia e têm especial apreço pelo Novo Testamento. Sua interpretação dos textos bíblicos é nada literal, e sim, sob os ventos da Cabaláh cristã, voltada a investigar e perscrutar o verdadeiro ensinamento do Cristo e dos primeiros cristãos. E na busca do sentido profundo das Escrituras Sagradas, maravilham-se com o conteúdo evangélico do ensinamento de Jacob Boehme e dos rosacruz clássicos.

Investigando o conteúdo verdadeiramente esotérico das Escrituras Sagradas, os jessênios também não poderiam deixar de apreciar os escritos de Nag Hammadi e o Evangelho da Pistis Sophia, onde encontram a mais alta expressão aquariana do Cristianismo gnóstico.

Neste início da Era de Aquarius, surgem os jessênios brandindo a poderosa literatura gnóstica do Evangelho da Pistis Sophia e, ainda desconhecido do público, do Evangelho Cátaro, belíssimo texto gnóstico, repleto de elementos de Mistérios próprios para a Era Aquariana. Nele, o Cristo aparece como poderoso Hierofante enviado pela destra misteriosa da Divindade; primeiro, para os judeus palestinos, no meio dos quais se revela advindo da “Comunidade dos Padres do Deserto”, expressão que indica, sem dúvida, os essênios; e depois, para o restante do mundo.

Diante dessas diversas Escrituras Sagradas, os jessênios têm uma postura profética muito parecida com a de Jacob Boehme, que passamos a transcrever:

“*Mysterium Magnum*, cap. LXI, item 73 – E o texto de Moisés continua: ‘em seguida Jacob se dirigiu para Salém, cidade de Siquém, que está situada na terra de Canaã (depois que ele deixou a Mesopotâmia) instalou seu campo diante da cidade e comprou um pedaço de campo dos filhos de Hamor, pai de Siquém, por cem moedas. Aí ele edificou as suas tendas, construiu um altar e invocou o nome do Deus poderoso de Israel.’”

“Nesse texto, o Espírito [profético divino] joga exatamente com a futura cristandade, pois, após à ressurreição, Cristo conduziu os seus filhos à Salém, à salvação, à unção do Espírito, da mesma forma que Jacob, em sua época, conduziu os seus a Salém, cidade de Siquém.”

“item74 – E estabeleceu seu campo diante da cidade [isto entende-se assim:] Cristo deveria instalar sua morada entre os pagãos e pôr sua Ekklesia e seu ensinamento do lado de fora dos templos idólatras dos pagãos e comprar ali o lugar necessário para a edificação de sua santa comunidade cristã diante dos pagãos, ou seja, ele deveria comprar essa comunidade cristã com a justiça de Deus ao preço de seu sangue, o que efetivamente se realizou [como Mistério de sua crucificação] diante deles; e edificar um altar neste lugar entre os pagãos e anunciar o nome de Deus de “Israel”, ou seja, Cristo”.

“item 75 – Porque o nome de ‘Siquém’ indica a comunidade cristã [futura], e como ela deveria permanecer na aflição e na miséria. Da mesma forma que Jacob estabeleceu sua morada às portas da cidade [pagã de Siquém], o que indica os nossos dias presentes e futuros, em que os filhos de Cristo devem ser hóspedes estranhos neste mundo e habitar como comensais dos pagãos, dos poderosos e dos filhos deste mundo. Conquanto tenham nele sua morada, a Comunidade de Cristo, comprada ao preço de seu sangue, é exteriormente estranha e peregrina e habita o exterior da cidade deste mundo em uma tenda simples e provisória, terrestre, na carne e no sangue.”

Os jessênios perscrutam esse texto da seguinte forma: muito embora Boehme esteja lendo a história, narrada no Velho Testamento, de um patriarca que viveu há cerca de doze séculos antes da era cristã, sua mente, soprada e iluminada pelo Espírito de Deus, vê, nessa passagem bíblica, uma profecia de como deveria ser a comunidade cristã muitos séculos depois: simples, pobre e estrangeira entre as forças, autoridades e homens ricos da Terra. Essa história, assim interpretada, torna-se num Novo Testamento que declara como os cristãos devem proceder para organizar sua comunidade, cuja simplicidade deve habitar o lado de fora dos suntuosos templos pagãos como uma tenda pobre de ciganos, de homens sem pátria e sem riquezas, nunca se tornando possuidora de riquezas, de construções luxuosas, de templos adornados de pedras, mármore, vitrais, esculturas. Os cristãos, em união, devem formar acampamentos como os que os nômades, em sua pobreza, armam para passar um tempo em determinado lugar e depois partem sem a nada se apegar, pois o Cristo profetizou no Evangelho: “haverá um tempo em que os verdadeiros adoradores adorarão em espírito e em verdade e não em templos de barro, pedra e madeira.”

Nessas palavras de Boehme, temos uma orientação profética para que, nessa Era de Aquarius, neguemos qualquer forma de Cristianismo comum ou gnóstico templário e para que nossa organização de discípulos seja como acampamentos emergenciais, pobres, muito simples. Isso nos coloca diretamente alinhados com a profecia de Cristo, que apontou o tempo

em que os verdadeiros adoradores adorariam em espírito e em verdade, e não em templos suntuosos, confortáveis, com adornos magníficos, nos quais seja governo o espírito de riqueza dos homens deste mundo, e a suntuosidade um testemunho de seu paganismo e pérfidas intenções comerciais.

Eis por que os jessênios rejeitam toda forma templária de celebração dos seus Mistérios gnósticos e buscam sempre o meio-termo entre o prático e o simples. Zelam, dia e noite, para que as questões financeiras de seus grupos sejam as mais leves possíveis, nunca se constituindo em combustível para a ostentação, discórdia e peso excessivo sobre os ombros de seus discípulos, tampouco em empecilho para chegarem ao estado de “ciganos ou nômades pobres em cabanas fora das cidades-templos deste mundo” e distantes dos construtores destas cidades-templos e de complexos edifícios fincados, aprisionadoramente, no concreto duro da materialidade.

O que Boehme, assentado no Velho Testamento bíblico, leu e interpretou profeticamente na história de Jacob, constitui um evangelho atual e, para os jessênios, torna-se um Novo Testamento. Ali eles encontram as diretrizes que dão caráter organizatório não templário às suas comunidades.

Os jessênios não lêem o Velho Testamento (e nenhuma escritura sagrada antiga), porém perscrutam as suas entranhas com um espírito interpretativo profético, transformando-as em Novo e Vivo Testamento. Habita, nesse dom de perscrutação, aquela força-Cristo do qual fala o Apocalipse nos seguintes termos: “Eis que faço novas todas as coisas” (Apocalipse 21:5).

O que dissemos acima, à guisa de verificação das profecias de Boehme, pode suscitar uma questão: em Aquarius toda Ordem esotérica que possuir templo e ritual templário deve ser encarada como uma expressão pagã? Devemos ver nessas Ordens que se utilizam de “templismo” ritualístico uma forma indevida de iniciação na Nova Era?

De forma alguma devemos entender que as palavras proféticas acima são dirigidas às nobres Ordens templárias, manifestadas neste tempo moderno. A profecia que Boehme interpreta, direciona-se a toda e qualquer comunidade que queira expressar-se como uma Escola de Mistérios cristã-gnóstica, como organismo da Fraternidade de Melquisedeque manifestada sob a égide do Grande Colégio dos Hierofantes de Cristo.

Boehme, com os seus olhos videntes e proféticos, lê conselhos muito aquarianos no conteúdo do Velho Testamento. As demais Ordens são expressões dos Mistérios Egípcios, do “templismo” salomônico (inspirado no Templo de Salomão), ou da tradição hindu, druida, grega, e outras, e não se declaram como organismos afiliados à Hierofania dos Mistérios de Cristo. Ou, em segundo caso, são organizações sob a égide do Corão islâmico ou da Toráh em sua tradição cabalística puramente judaica.

Esses organismos não pretendem ser expressões cristãs e nem se inspiram diretamente em Boehme, na Gnosis cristã ou na linha profética de Cristo. Eles têm a sua nobre arte de iniciação ligada a outros ramos da Sabedoria Universal; portanto, tudo o que os jessênios dizem no tocante a uma Comunidade de Mistérios Cristã não se aplica a eles. Todavia, toda comunidade que se declara expressão dos Mistérios dos Hierofantes de Cristo e volta-se para o passado gnóstico-cristão, deve considerar seriamente os conselhos anotados no livro *Mysterium Magnum*, em especial o que acima citamos. Pois nesta obra Boehme procura ser

um espelho e uma representação aquariana dos Escritos de Nag Hammadi, dos Evangelhos e dos profetas cristãos como Paulo e os Apóstolos.

As obras de Boehme são como que um sopro profético do Espírito Sétuplo de Deus. Elas dirigem-se a toda expressão aquariana dos Mistérios gnósticos cristãos e contêm, clara e inequivocamente, recomendações e preciosas revelações a esses organismos, mostrando-lhes o caminho iniciático cristão em Aquarius. Eis porque os jessênios se deleitam com as profecias de Boehme.



## **PARALELO 5**

### **OS JESSÊNIOS PRATICAM ALGUM TIPO DE OCULTISMO? A CABALA NÃO SERIA UMA FORMA DE OCULTISMO? OS JESSÊNIOS PRATICAM MANTRAS?**

Essas questões precisam ser vistas com cuidado e profundidade. Só assim será possível entender a afirmação de que os jessênios NÃO PRATICAM NENHUMA FORMA DE OCULTISMO.

O caminho iniciático proposto por Cristo pode ser visto como uma reforma profunda do apontado pelos essênios, não obstante, afirma-o com grande e profunda notoriedade. O que ensinavam os essênios como caminho iniciático? Obediência radical e incondicional às leis de Moisés, mas, ao mesmo tempo, evadiam-se da forma templária marcada por sacrifícios de animais, determinada por essa mesma lei. Substituíam esse culto por outro constituído da reunião de doze pessoas ao redor de uma mesa, onde um décimo-terceiro lugar permanecia vazio, destinado “a ser ocupado pelo Messias quando ele viesse”. Antes de ir a essa mesa, dez dos reunidos mergulhavam, ritualisticamente, até a cabeça, numa piscina ou tanque de água limpa, e ali realizavam uma ablução higiênica, um batismo. Outros dois, nomeados sacerdotes, além de tomarem esse banho batismal, ungiam-se. Uma vez reunidos ao redor da mesa, realizavam a Refeição Sagrada e estudavam os Mistérios da Redenção e os Mistérios das Bodas divinas, ou seja, os Mistérios do retorno do homem ao estado hermético paradisíaco de Homem-Deus macho-fêmea.

Esse mesmo grupo duodécuplo praticava as demais festas regulamentadas pela lei de Moisés, inclusive o Sabat ou descanso do Sábado.

Jesus reformou esse caminho iniciático retirando dele tudo quanto se referia à lei de Moisés, suas diversas festas e prescrições, mas manteve o culto essênio do encontro duodécuplo para praticar os Cinco Selamentos de Mistérios: o Batismo, a Unção, a Refeição Sagrada, a Redenção e as Bodas ou Mistério da Câmara Nupcial.

O caminho ocultista consiste em processo diferente do proposto por Cristo. Ele dá ênfase, por exemplo, aos processos de transformação psíquica por meio da meditação ou de manipulação das forças naturais latentes no corpo humano e na mente.

Cristo, embora aponte para processos profundos de transformação mental e fale, em suas parábolas, da Pérola de inestimável valor - o que indica o Ponto de Luz ou Joia no Lótus Cardíaco - e até cite o reto pensar, jamais propôs o método de meditação conhecido como transcendental, ou revelou alguma forma de ioga cristã em suas palavras. Ao contrário, ele referia-se à cruz como o grande signo do Mistério redentor. Para além desse Mistério, mostrava, tanto nos Evangelhos canônicos (que constam na Bíblia), quanto nos apócrifos (escritos sagrados que não constam na Bíblia), o Mistério do “onde estiverem duas ou três pessoas reunidas em meu nome, aí estarei eu no meio deles como campo de forças gnósticas.”

Jesus não ensinou aos seus discípulos nenhuma técnica especial de respiração, mas instruiu-os a limpem seus corações de toda tendência para o mal e a serem simples, humildes, valentes buscadores da Verdade e da Justiça divinas. Eles deveriam descobrir, com sinceridade, o quanto habita, na carne do homem, o espírito sideral dos desejos por prazeres,

os apetites pelo gozo dos sentidos, o desfrute de coisas e formas materiais, o afeto a tudo quanto sejam trevas e ilusões.

No Evangelho da Pistis Sophia, por exemplo, não vemos Pistis - representação da alma humana aprisionada no caos dos elementos materiais do corpo físico - tentar técnicas de controle dos quatro elementos ou de equilíbrio interior. Ao contrário, ela reconhece que está fraca, decaída e que as forças da matéria a aprisionaram firme e violentamente. Diante dessa constatação, ela geme e suplica, confiante, à Luz que lhe toque com a força do auxílio divino e a ajude no esforço de se livrar de tal situação caótica.

Não discutimos, aqui, se os vários métodos utilizados como magia ou técnica ocultista podem realmente proporcionar à alma humana, em meio ao caos dos quatro elementos que constituem a sua veste corpórea, um escape seguro e perene, agora, em Aquário, quando a radiação de Urano dá à natureza material e elementar um comportamento cada vez mais típico e diferente daquele das eras zodiacais anteriores. Guiando-nos pelos Evangelhos, tanto canônicos como apócrifos, descobrimos uma via cristã de Mistérios redentores, que é própria para a Era Aquariana, que desponta diante do nosso horizonte existencial, e muito afinada com esta.

Lemos em Mateus (MT 17:5): “Estando ele ainda a falar, eis que uma nuvem luminosa os cobriu. E da nuvem saiu uma voz que dizia: ‘Este é o meu amado Filho, em quem me comprazo; escutai-o’.” E no documento 4Q403, dos achados essênios do Mar Morto: “Príncipes da comunidade santa, louvem ao Deus dos louvores majestosos, pois é no esplendor de louvores que está a glória da sua realeza.”

“Por meio da sua nova vontade e do seu poderoso discernimento, ao se abrirem os seus lábios, todos os espíritos eternos realizam os seus empreendimentos, e os deuses angélicos passam à existência.”

Em seguida, observemos novamente um extrato das obras de Boehme já citado acima, no Paralelo 3:

“*Aurora*, cap. VI, item 12- Mas não se deve entender isto de modo terrestre, pois um anjo não tem intestinos. Além disso, ele não tem carne, nem osso; ele é uma aglomeração da ‘virtude’ divina, da mesma forma e segundo o mesmo modo que o homem com todos os membros, exceto aqueles da geração [sexual] e orifício inferior: ele não tem, aliás, necessidade disso.”

“13 – Porque o homem recebeu seus órgãos de geração [sexual], assim como o orifício inferior, no mesmo instante de sua lamentável queda. **Do anjo sai apenas a força divina, que ele apanha com a boca. Assim, ele abrasa o seu coração, e o coração abrasa todos os membros; ele o exala, em seguida, pela boca, quando fala de Deus e o louva.**”

A esse extrato acrescentamos um outro, assentado abaixo.

“*Mysterium Magnum*, cap. LXIX, item 25: Quando a alma se aproxima de Deus e quer fazer jejum [de suas tendências malignas, não as alimentando, deixando-as morrer de fome], mas tem ainda o seu coração ligado ao egoísmo, não querendo, contudo, abandonar o seu jejum, e que, apesar de tudo, não consegue desembaraçar-se de seus desejos terrestres [tendentes ao mal], porém persiste em sua súplica, Deus-Pai deixa sair as qualidades da alma

para fora da prisão de sua Cólera, de modo que o coração se acha com isto aliviado, tal qual um homem que vem a ser libertado da prisão. E, como ele, o coração diz: ‘Fui felizmente atendido em minha prece e em meu jejum.’”

“27 – Então, quando a Cólera afrouxa a prisão da alma, ela recebe [no sangue] a força para rogar e fazer jejum.”

Temos, nessas palavras de Boehme, um ponto muito sutil e hermético da Doutrina dos Mistérios Libertadores gnósticos cristãos difícil de ser compreendido pelo homem, a não ser que ele seja um “portador da Joia no Lótus cardíaco”, um homem verdadeiramente pneumático, em cujo coração nasceu algo da Luz divina. Trata-se daquele estado sangüíneo especial que Hebreus 12:24 chama de “sangue da aspersão, que fala melhor do que o sangue de Abel.”

O homem pneumático, em grande luta contra seus defeitos, imperfeições e sucessivos fracassos, acaba adquirindo um estado sangüíneo especial, que Boehme testemunha como sendo oriundo de “uma força para rogar e fazer jejum.”

Precisamos, aqui, trabalhar os conceitos herméticos de Boehme com cuidado, pois estamos diante do profundo segredo denominado por ele *Mysterium Magnum*. O sapateiro iluminado mostra que o discípulo está fadado a fracassar muitas vezes na luta contra seus erros, defeitos e natureza tendente ao mal. Porém, esse aluno, em cujo coração nasceu a Luz divina, é confiante na Graça da Divindade; ele é munido de inquebrantável persistência em sempre se erguer para dar continuidade ao combate, e tem o entendimento de que não possui nenhuma capacidade (por mais alargada, exercitada ou alterada que seja por exercícios ocultistas) que lhe proporcione a libertação do estado de homem-matéria, de homem do caos e propenso ao mal. Assim, algo dentro dele, que é o fundamento de sua natureza de erros e desejos inferiores, cede, e da alma – a partir de seu centro divino, da Joia no Lótus cardíaco – escapa a força da verdadeira súplica e do verdadeiro jejum, por meio dos quais ela pode entrar no estado sangüíneo que a torna capaz de suplicar, de emitir um poderoso pedido de socorro. A resposta se dá sob a forma de força capaz de tirá-la da prisão formada pelo mal nela própria. Liberta, essa alma pode atingir o fundamento macrocósmico da Luz, onde habita Deus e seu poder de auxílio.

Nesse momento abre-se o Evangelho da Pistis Sophia no sangue do discípulo. Pistis pode, na força desse estado sangüíneo especial, realizar as treze súplicas de arrependimento e, na décima terceira, receber o raio angélico da libertação, o raio de Mikael e Gabriel, ou seja, a resposta sob a forma de força libertadora mencionada acima.

Após receber essa força sangüínea – narra o Evangelho gnóstico – é que Pistis começa a emitir louvores à Luz. Em cada um, ela é cumulada de um dom especial, de tal forma que, durante o desenvolver da arte de dirigir, confiantemente, sua voz para a Luz, é equipada com as armas gnósticas que lhe propiciam melhor condição de vencer o duro combate contra a natureza inferior em si mesma.

Esse segredo é narrado muito gnosticamente nas obras de Jacob Boehme. Entretanto, ele pertence também à Cabaláh, à Gnosis judaica. O Mestre essênio da Retidão, o Hierofante da Comunidade Judaico-Essênia menciona-o abertamente no documento IQH ao dizer a seus discípulos, em forma de hino, as seguintes palavras: “/Alargou-se-me a língua, que tu fizeste maravilhosamente poderosa dentro de minha boca. /O meu coração não se delicia com



riquezas; /o poder do guerreiro repousa em delícias abundantes. /Desabrocharei como lírio/ e meu coração abrir-se-á para a fonte eterna; /meu apoio estará no poder do alto.”

No documento 1QS, o Mestre essênio da Retidão canta, num hino, as seguintes palavras: “/Cantarei com Gnosis, e toda a minha música/ será só para a glória de Deus. /Minha lira e minha harpa serão tangidas / para a sua santa Ordem / e harmonizarei misteriosamente o canto de meus lábios / com o seu compasso certo. / Não mantereí Satanás em meu coração, /e de minha boca não se ouvirá/ nenhuma tolice ou engodo pecaminoso, /nenhuma astúcia ou mentira sairá de meus lábios. /O fruto da santidade estará sobre minha língua /e nenhuma abominação se encontrará nela”.

E não só os essênios, mestres da Cabaláh essênia, mas também os mestres da Cabaláh judaica falam de um estado especial do coração, o estado em que o “Ponto de Luz com 613 Nimbos” (a Joia no Lótus cardíaco) passa a vibrar. Então, esse coração torna-se incendiado por um poder especial que é denominado *Kawanáh*, em hebraico. Acreditamos que é esse coração em *Kawanáh* que o grande rosa-cruz Johann Valentin Andreae fez representar como coração ardente da Princesa Antônia von Wuerttemberg na igreja protestante de Bad Teinach, próxima da atual cidade alemã de Calw.

Nesse quadro, totalmente inspirado na figura principal da Cabaláh judaica, a Árvore das Dez Sefirôth, a princesa é representada entrando no portão de um jardim com um coração em chamas na mão direita, e na outra, uma âncora. O primeiro apóstolo que a recebe é Pedro, representado junto com outros onze num círculo zodiacal. Ele porta, numa mão, um barco e, na outra, a mesma âncora que está na mão esquerda da moça, só que com uma serpente sibilante nela entrelaçada. O Cristo está no centro desse círculo apostólico zodiacal com uma cruz em sua mão esquerda e uma palma na direita pisando numa serpente que nada em uma fonte.

Após termos certeza de que Johann Valentin Andreae está, nesse quadro, representando o verdadeiro processo espiritual libertador dos mistérios cabalísticos-cristãos, podemos estudar, aprofundadamente, cada símbolo que o discípulo recebe no jardim das almas cristãs, na Comunidade apostólica cristã, cujo coração arde nas chamas do estado de *Kawanáh*.

O discípulo precisa aproximar-se do Jardim, ou Comunidade dos Mistérios Crísticos, com o coração e sangue em estado especial, descrito, muito hermeticamente, por Jacob Boehme. Na mão esquerda deve estar a âncora, ou seja, a alma em estado de confiança e esperança na Luz e na Misericórdia divina (ver Hebreus 6, versos 18 a 20). A mesma âncora, mas entrelaçada por uma serpente, é mostrada à princesa por Pedro; atrás deste há uma fonte, onde Jesus é representado sobre as águas pisando outra serpente.

O segredo do processo dos mistérios cabalísticos-cristãos está, pois, na figura da âncora com e sem serpente e no coração em chamas, bem como no ato do Cristo com cruz e palmas nas mãos pisar a serpente da tendência para o mal.

Não queremos, aqui, apressar-nos e precipitar-nos em vias rasas de interpretações. Não queremos ver nessa serpente a figura da kundalini sexual, pois temos a intenção de mostrar a verdadeira senda cristã e desviar-nos de toda e qualquer proposta de ocultismo sexual e de magia tântrica, para acharmos a razão gnóstica desses símbolos.

A nossa perscrutação, nesse caso, é auxiliada pela de Boehme na seguinte passagem do seu livro *De Signatura Rerum*:

“item 9 – Adão e Eva morreram da seguinte maneira: o Mercúrio da alma saiu da essência da eternidade, imaginando-se na essência do tempo, fonte da angústia; assim, a essência da eternidade perdeu o seu guia, Cristo, que lhe devolveu o Som, mais tarde, mediante o Verbo divino. Podemos notar que esta essência [do Som, e da capacidade de proferir súplicas] está enterrada como a morte no mercúrio angustioso [do tempo].”

“item 10 – Ensinarei como o mercúrio venenoso [do tempo] pode mudar o seu desejo [da tendência para o mal] nesta essência eterna e, servindo-se dela como de um corpo, unificar o mundo exterior e interior. Quando isto se realiza, não há senão uma só vontade e um só espírito animado de um desejo amoroso [ou seja, de um desejo do coração em chamas de amor]; cada espírito se sustentará de seu corpo particular; assim toda vontade má será reduzida à impotência.”

Portanto, o processo apontado pelos símbolos da entrada do Jardim, no quadro da Princesa Antônia, é o Mercúrio divino: a capacidade do discípulo de fabricar, a partir de um coração em *kawanáh*, em chamas de amor, um sangue que possui a força do Som, da súplica, e assim chamar de volta, do centro da alma, onde habita a Luz-Cristo, o Verbo, o Poder sonoro de Deus, o raio gnóstico da libertação. A presença desse raio crístico libertador formando uma luminescência ao redor do discípulo é denominado, na Cabaláh, Shekináh e Mercabáh; e em Mateus 17:5 “nuvens com Voz do Pai gerador do Filho.”

Esse processo os jessênios denominam Mantrosfia. Portanto, NÃO PRATICAM NENHUM ROSÁRIO DE MANTRAS, COMO OCORRE EM ALGUNS MOVIMENTOS. MIRANDO-SE EM JACOB BOEHME, DISCORREM SOBRE O MERCÚRIO DO VERBO DE DEUS NO CENTRO DA ALMA, DESPERTADO PELO CORAÇÃO EM KAWANÁH (CHAMAS DE FÉ E DE CONFIANÇA NA LUZ). ESSE PROCESSO MERCURIAL DE DESPERTAR CARDÍACO É DENOMINADO “MANTROSOFIA” A FIM DE EVITAR COMPARAÇÕES COM A ARTE MÂNTRICA HINDU, OU DE OUTROS MOVIMENTOS.

Precisamos também desviar a mente do leitor das ideias ordinárias que definem as palavras “súplica”, “louvor” e “jejum”. Elas recebem outra conotação em Boehme e na literatura discipular jessênia.

A “súplica” gnóstica mostra-se, nos documentos gnósticos, inteiramente distinta da que se observa nos meios religiosos. No Evangelho da Pistis Sofia, por exemplo, Pistis suplica porque percebe, em tremenda agonia, que está dividida entre dois estados: por um lado ela deseja, de forma ardente e vibrante, ir ao encontro da Luz e abraçá-la; por outro, vê-se aprisionada no caos de sua matéria corpórea. Então, sofrendo essa dupla situação, ela geme e suplica ao poder da Luz para que a auxilie no intento de escapar dessa condição.

Esse gemido e súplica não são nenhuma ladainha ou reza religiosa insistentemente repetidas como um texto que se decora e se recita para agradar a Deus e atrair, assim, a sua piedade. Também não se constituem de orações lamentosas como as praticadas por alguns místicos religiosos. Tampouco são um conjunto de sons mântricos entoados em outra língua, ou o alarido confuso e muito alto proferido por alguns grupos de protestantes.

A Cabaláh cristã gosta de dirigir-se ao significado da palavra *oração*, fazendo com ela temuráh - operações cabalísticas silábicas que visam mostrar o significado oculto das palavras. Escrevem, assim, essa palavra da seguinte maneira: *or-ação*, em que *O´r* é uma palavra hebraica que significa *luz*; *or-ação* significa, portanto, *colocar força-luz em ação*.

Outra palavra bastante próxima de *oração* é *coração*, cujas temuráh´s cabalísticas ficam da seguinte forma: *c-or-ação*, ou *cor-ação*, ou ainda *c-oração*. Fica claro por essa temuráh cabalística, que as palavras *coração* e *oração* são um só e mesmo mistério: trata-se da súplica gnóstica que se ergue do estado sangüíneo especial e do *coração* em chamadas de *kawanáh*.

Para ilustrarmos o quanto essa *oração* em *kawanáh*, essa súplica do *coração* em chamadas de amor é diferente da súplica ordinária religiosa, prestemos atenção no seguinte texto do Evangelho:

*“(LC 24:13) - E eis que no mesmo dia iam dois deles para uma aldeia, que distava de Jerusalém sessenta estádios, cujo nome era Emaús. (LC 24:14) - E iam falando entre si de tudo aquilo que havia sucedido. (LC 24:15) - E aconteceu que, indo eles falando entre si e fazendo perguntas um ao outro, o mesmo Jesus se aproximou, e ia com eles. (LC 24:16) - Mas os olhos deles estavam como que fechados, para que o não conhecessem. (LC 24:17) - E ele lhes disse: Que palavras são essas que, caminhando, trocáis entre vós, e por que estais tristes? (LC 24:18) - E, respondendo um, cujo nome era Cléopas, disse-lhe: És tu só peregrino em Jerusalém e não sabes as coisas que nela têm sucedido nestes dias? (LC 24:19) - E ele lhes perguntou: Quais? E eles lhe disseram: As que dizem respeito a Jesus Nazareno, que foi homem profeta, poderoso em obras e palavras diante de Deus e de todo o povo; (LC 24:20) - E como os príncipes dos sacerdotes e os nossos príncipes o entregaram à condenação de morte, e o crucificaram. (LC 24:21) - E nós esperávamos que fosse ele o que remisse Israel; mas agora, sobre tudo isso, é já hoje o terceiro dia desde que essas coisas aconteceram. (LC 24:22) - É verdade que também algumas mulheres dentre nós nos maravilharam, as quais de madrugada foram ao sepulcro; (LC 24:23) - E, não achando o seu corpo, voltaram, dizendo que também tinham tido uma visão de anjos, que dizem que ele vive. (LC 24:24) - E alguns dos que estavam conosco foram ao sepulcro e acharam ser assim como as mulheres haviam dito; porém, a ele, não lhe viram. (LC 24:25) - E ele lhes disse: Ó néscios e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram! (LC 24:26) - Porventura não convinha que o Cristo padecesse estas coisas e entrasse na sua glória? (LC 24:27) - E, começando por Moisés, e por todos os profetas, explicava-lhes o que dele se achava em todas as Escrituras. (LC 24:28) - E chegaram à aldeia para onde iam, e ele fez como quem ia para mais longe. (LC 24:29) - E eles o constrangeram, dizendo: Fica conosco, porque já é tarde e já declinou o dia. E entrou para ficar com eles. (LC 24:30) - E aconteceu que, estando com eles à mesa, tomando o pão, o abençoou e partiu-o, e lhos deu. (LC 24:31) - Abriram-se-lhes então os olhos, e o conheceram, e ele desapareceu-lhes. (LC 24:32) - E disseram um para o outro: Porventura não ardia em nós o nosso coração quando, pelo caminho, nos falava, e quando nos abria as Escrituras?”*

Durante a viagem, o diálogo entre os dois discípulos sobre os Mistérios Crísticos, na verdade, era o que Boehme e nós, jessênios, chamamos de “súplica gnóstica”. Seus *corações* ardiavam em *kawanáh*. Eis por que o Cristo-Luz surgiu entre eles como uma “*Voz que abria a interpretação mais profunda das Escrituras Sagradas*”.

Outro trecho das Escrituras sagradas que aponta a kawanáh, é o seguinte: (Salmo 39, verso 1) - Eu disse: guardarei os meus caminhos para não pecar com a minha língua; guardarei a boca com um freio enquanto o ímpio estiver diante de mim. (SL 39:2) - Com o silêncio fiquei mudo; calava-me mesmo acerca do bem, e a minha dor se agravou. (SL 39:3) - Esquentou-se-me o coração dentro de mim; enquanto eu meditava se acendeu um fogo; então falei com a minha língua.”

Essa meditação do salmista não é nenhuma técnica hindu, budista ou ocultista, seguida de respiração ióguica, de posturas corporais. Trata-se de um encontro com a alma que geme em seu presídio de carne e sangue e, desse modo, faz de seu centro, da Joia no Lótus cardíaco, um poderoso ponto onde Som e Luz cambiam-se como *Mysterium Magnum*, produzindo o sangue da aspersão (que fala melhor do que o de Abel) e a força do socorro divino, o raio angélico da libertação. Tal meditação é, portanto, aquela súplica a que Jesus se refere em Mateus 6: (MT 6:5) - “E, quando orares, não sejas como os hipócritas, que se comprazem em orar em pé nas sinagogas e às esquinas das ruas, para serem vistos pelos homens. Em verdade vos digo que já receberam o seu galardão. (MT 6:6) - Mas tu, quando orares, entra no teu aposento e, fechando a tua porta, ora a teu Pai que está em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará publicamente. (MT 6:7) - E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios, que pensam que por muito falarem serão ouvidos. (MT 6:8) - Não vos assemelheis, pois, a eles; porque vosso Pai sabe o que vos é necessário, antes de vós lho pedirdes.”

Está muito claro que o Pai em secreto, do qual fala Jesus, tem seu portal e sua câmara oculta no coração, e junto com Ele mora a verdadeira alma do homem. Pedro, no tocante a isso, relata em sua epístola 1PE 3:3: “O enfeite delas não seja o exterior, no frisado dos cabelos, no uso de jóias de ouro, na compostura dos vestidos; (1PE 3:4) - mas o homem oculto no coração, no incorruptível traje de um espírito manso e quieto, que é precioso diante de Deus.”

Também no Sepher haZohar, a maior obra de Cabaláh judaica que se conhece, lemos: “Quando o Pai abraça a Mãe, a letra *Yudh-י* com a letra *Hé-ה*, uma língua de fogo salta do meio de seu abraço: essa língua fala de coisas ocultas e ela é a letra *Vav-ו*. E juntas, formam o nome poderoso *Yahô-יהוה*, e no coração do homem elas encontram a *Hé-ה* humana e formam o Nome dos nomes: *יהוה* - Jehovah.”

Do que está falando o Zohar? Do que está falando esse poderoso tratado antigo de Cabaláh? Boehme, de um lado, e o Evangelho Cátaro de outro, nos revelam algo a respeito. Investiguemos isso.

Lemos no *Chave e Explicação*, de Boehme:

“item 148 – A palavra *Jehováh* é o nome mais santo de Deus, ou seja, a vida sensível divina, o bem único, na qual está incluída a Trindade Santa com a glória e a onipotência... aí se acha o santo nome Jesus como um sopro da unidade de Deus, jogando com as letras I e E, por onde [a alma] pode contemplar o caos...”

A letra “I” referida por Boehme é a mesma letra *Yudh-י* do nome *Jehováh-יהוה* em hebraico, mencionada no texto cabalístico do Zohar, e a letra “E” é a mesma letra *Hé-ה*, também aludida naquele livro sagrado. Boehme fala de três sopros, enquanto que o livro

cabalístico fala de línguas que saltam do nome Yahô-יהוה. Cada qual a seu modo, um pela Cabaláh judaica, o outro pela Cabaláh cristã, o “Zohar” e o “Chave e Explicações” estão relatando um só e mesmo mistério.

Agora vejamos o texto do Evangelho Cátaro:

“Jesus disse: se aprendeis a sofrer com a alma, então estareis perto do Mistério a que me refiro, pois uma alma, quando geme e busca a Luz do Pai desde o seu íntimo, o Pai-Mãe oculto no coração, na câmara oculta, move-se. E do abraço do Pai e da Mãe saltam chamas, e o coração em chamas sobe até a fonte da Luz e abraça ali a força de sua própria libertação. Eis por que, ao ensinar-vos a orar, mandei-vos procurar o Pai-Mãe oculto em vossos corações.”

Dessa forma, demoramo-nos na explicação do que entendemos pelas palavras “meditar”, “suplicar” ou “orar” e “louvar”. Resta-nos dar uma pincelada no significado gnóstico da palavra “jejuar”, que alguns traduzem, dos textos originais de Boehme, como “penitenciar.

Nós, jessênios, não podemos aceitar a palavra “autoflagelo” como definição ou sinônimo de “penitência” e “jejum”. Não admitimos nenhuma forma de agressão, mesmo que dirigida a si próprio. O autoflagelo é uma violência que nasce de um desequilíbrio psicológico, podendo revestir-se de caráter pseudomístico ou religioso.

Muitos séculos de cristianismo exotérico deram à cruz e ao jejum o significado de instrumento de auto-flagelo, mas, dentro da concepção mais hermética, a alma não precisa ser perturbada com ascetismos exacerbados, porque já vive uma situação de grande flagelo e de miséria, aprisionada no caos dos elementos materiais que formam o seu corpo.

O jejum de que falam os gnósticos é um diferente processo, sobre o qual aqui já nos referimos, de esvaziamento das forças materiais, em que reside a causa do furioso caos dos quatro elementos. Trata-se da alma que, desejando purificar-se de seus desejos torpes, mas sem força para tal, anseia vencer essa torpeza com forte ardor do coração, a ponto de mover, no seu centro, algo donde escorre a força da purificação e da libertação. Revestida por essa força, a alma jejuar e se livra das suas tendências más.

## **PARALELO 6**

### **OS JESSÊNIOS TÊM LAÇOS COM ALGUM MOVIMENTO ARMADO? BUSCAM ELES ALGUMA FORMA DE PAZ ARMADA?**

Os Jessênios trazem consigo um adágio cátrato que levam muito a sério: “Não queremos perturbar ou agredir o mundo nem mesmo com a bondade.”

Desse modo, observando tão profunda atitude filosófica, os jessênios negam-se a participar de qualquer forma de agressão, quer seja a pessoas, a animais, ao meio ambiente, ao planeta, ou até mesmo a si próprios.

Por causa disso, recusam veementemente tomar parte em movimentos armados, excetuando-se o serviço patriótico militar regulamentado por lei. Quando falam de luta entre os Filhos da Luz contra os Filhos das Trevas, não se deve ver aí nenhum convencimento ou argumento filosófico para que se pegue em armas e se lance em formas brutais de luta por qualquer ideal.

Como conseqüência de um entendimento muito profundo da alma, os jessênios não diferenciam negros, amarelos, brancos, orientais ou ocidentais, árabes, judeus, ou qualquer outro tipo humano. A alma não tem pele e não se colore pela cor biológica do corpo. O que a colore é o coração em *kawanáh*. Eis por que, ao falarmos de coração, usamos da santa Cabaláh para analisarmos bem o significado dessa palavra e encontramos, por temuráh cabalística, a palavra cor-ação. Isto significa que a tintura da alma, tantas vezes mencionada por Boehme em seus escritos, nasce de um estado cardíaco específico, o do coração em chamas de amor e em santo desejo de paz.

Boehme diz no seu pequeno livro *O Verdadeiro Arrependimento*:

“Como deve a alma encontrar o seu Amado, quando bater em seu centro ou coração, onde está a câmara secreta interior.”

“Amada alma, se fores sincera, sem intermissão, certamente serás favorecida por um beijo da nobre Sophia (a Sabedoria divina) no santo nome Jesus, pois ela permanece sempre diante da porta da alma, batendo e alertando o pecador de seus descaminhos perigosos. Se alguma vez ele desejar seu amor, ela está pronta para ele e o beija com os raios libertadores do seu doce amor, e o coração recebe alegria. Mas ela não se une imediatamente à alma; ela não desperta imediatamente a extinta imagem [homem-anjo] celeste na alma, imagem esta desaparecida em Adão no erro do Paraíso. Não, porque isto pode ser muito perigoso para o homem; pois se Adão e Lúcifer caíram, manifestando esta queda em si próprios, o mesmo pode acontecer facilmente ao homem [nesse estágio do seu discipulado], posto que ele ainda está muito atrelado à vaidade.”

“O laço de tua promessa deve ser firme e imutável; antes que Sophia te coroe, tu deves ser tentado e testado: ela retira de ti os raios de seu amor mais uma vez, para ver se podes provar fidelidade. Ela te deixa como se estivesse à distância, não te respondendo senão com um olhar de amor. Pois, antes de te coroar, deves ser julgado, a fim de que possas testar a poção amarga dos detritos com os quais tu encheste a ti mesmo em tuas abominações. Tu

deves vir primeiro diante dos portões do inferno, e lá mostrar tua vitória por ela em seu amor; nesta força de seu amor ela te apoiará em oposição à influência maligna do demônio.”

Essa é a única luta que deve travar o discípulo; todas as demais são completamente sem sentido e alavancadas por razões eivadas de ignorância, cegueira, tolice e um desejo obscuro pela guerra e pela desordem.

Onde houver um verdadeiro agrupamento de homens inspirados pelo amor e pela vontade de estabelecer a pura paz, o amor universal e a harmonia a partir dos quatro elementos, ali repousará a consciência, o coração e o empenho do discípulo jessênio.



## **PARALELO 7**

### **AFIRMA-SE QUE BOEHME NÃO CONTRIBUIU COM A ARTE DA MAGIA E NEM COM O CONHECIMENTO ESPIRITUAL, TENDO SIDO APENAS UM RELIGIOSO MÍSTICO DOTADO DE UMA ILUMINAÇÃO NOTÁVEL, MAS MUITO PESSOAL. O QUE OS JESSÊNIOS ACHAM DESSA OPINIÃO?**

Julgamo-la equivocada e lamentável. Geralmente, quem se ergue com semelhante opinião possui uma postura monista radical. Nos escritos de Boehme e nos dos grandes instrutores clássicos do Caminho iniciático nada há em que possamos fundamentar-nos para considerá-la verdadeira.

Precisamos, pois, aqui abordar as duas grandes idéias espirituais acerca do caminho iniciático e como cada uma elege seus argumentos filosóficos.

O caminho iniciático de todos os tempos surgiu, sobre nosso planeta, em sete grandes correntes ou Escolas de Mistérios. A cada setecentos anos, essas escolas passam pelo processo que se convencionou chamar de “O Renascer da Fênix”: elas se fecham no ninho da Verdade, desaparecem nas chamas do grande Amor de Deus e renascem com novas vestes, para manifestarem, em novo período de setecentos anos, a eterna Verdade em roupagem mais própria para a época em que atuarão.

Há um ponto no nosso planeta que é o ninho das Sete Fênix da Verdade. É ali que as sete Escolas de Mistérios se entregam às chamas da renovação das vestes da Verdade a cada setecentos anos. Esse lugar misterioso e sagrado é conhecido por “Sete Passagens do deserto do Gobi”, ou os “Sete Portais de Shamballáh” na Linguagem da Sabedoria Universal.

Uma dessas portas constitui-se no *Portal da Grande Fraternidade de Melquisedeque*. Ele foi destinado, desde os tempos do surgimento da raça semita, ao grande trabalho espiritual que deu origem aos escritos bíblicos. Tudo quanto se manifesta como trabalho espiritual em torno do legado bíblico, constitui uma manifestação hierofântica da Fraternidade de Melquisedeque. É preciso, no tocante a isso, não confundir o Portal da Fraternidade de Melquisedeque em Shamballáh com o tipo humano denominado Melquisedeque. Embora pouco possamos falar dessa diferença, devemos ver o Portal de Melquisedeque como uma Fraternidade de Reis-Sacerdotes e elevados magos não pertencentes à humanidade comum, mas a uma raça humano-angélica, conforme as descrições da Epístola aos Hebreus.

Na época de Abraão, aconteceu algo muito especial que não podemos revelar num escrito que se destina ao público, mas podemos dizer que ele encontrou-se com Melquisedeque, e que a fraternidade desse poderoso homem-espírito sobre o nosso planeta tornou-se a Fraternidade do Santo Graal. Eis porque lemos em Hebreus as seguintes palavras:

“(HB 7:1) - Porque este Melquisedeque, que era rei de Salém, sacerdote do Deus Altíssimo, e que saiu ao encontro de Abraão... (HB 7:3) - Esse Melquisedeque, sem pai, sem mãe, sem genealogia, não tendo princípio de dias nem fim de vida, mas sendo feito semelhante ao Filho de Deus, permanece sacerdote para sempre. (GN 14:18) - E Melquisedeque, rei de Salém, trouxe pão e vinho; e era este, sacerdote do Deus Altíssimo.”



Esse Graal, pão e vinho nas mãos de Melquisedeque, indica exatamente o ato de transformação de sua fraternidade em sacerdócio espiritual mundial. E Abraão herdou algo desse sacerdócio que transformou-se em tradição semita.

O último elo do sacerdócio de Abraão foi a Comunidade dos Essênios. A herança semita dos Mistérios da Libertação perdurou até a época desses iniciados.

Com os essênios, porém, o Portal de Melquisedeque mesclou-se de forma incomparavelmente bela e misteriosa, primeiramente com o Portal de Shamballáh, que inaugurou a tradição persa, depois com o Portal que inaugurou, no Egito, setecentos anos antes de Cristo, a Escola de Mistérios de Hermes Trismegisto. Também houve mesclas com a tradição hindu.

Os essênios apresentavam-se fortemente caracterizados pela mescla da tradição semita e persa. Dessa forma, tornaram-se grandes iniciados da doutrina filosófica dualista. A Comunidade Essênia, como guardiã dos Mistérios Dualistas, tornou-se a “Grande Loja Branca para a manifestação da Hierofania do Oriente e do Ocidente”. A missão poderosa desse grupo semita está claramente demonstrada no conteúdo dos Documentos do Mar Morto.

As descobertas arqueológicas de Qumran revestem-se, portanto, de um caráter muito importante, pois resgatam para a modernidade a grande obra espiritual de Melquisedeque e dos essênios: inaugurar, antes da manifestação de Jesus, um poderoso impulso espiritual libertador sobre a Terra. Cumprindo essa missão, eles possuíam núcleos comunitários no Egito, Damasco, Síria, Pérsia e Índia.

Tendo sido recolhida às chamas da Fênix, a Comunidade Essênia deu origem a duas vertentes importantes: a dos Yossênios ou essênios do grupo de João Batista (também conhecidos como Mandeianos) e o grupo dos essênios discípulos de Jesus de Nazaré, que chegaram a ser denominados de “Aqueles do Caminho” (denominação também aplicada aos essênios) ou Yessênios (Jessênios).

Tanto yossênios ou mandeianos, quanto os primitivos jessênios eram dualistas. Precisamos, portanto, explicar o que é o Caminho Dualista Filosófico.

No nosso livro *108 Questões sobre Gnosis*, demos a seguinte explicação sobre o Dualismo:

“Quanto às idéias dos filósofos a respeito de quem é Deus, como ele se tornou Criador e como se relaciona com a Criação, temos os seguintes grupos de pensadores:

1. Os que acreditam que não há um Deus separado da Criação, mas que Ele emanou-se todo para a Criação, de maneira que a Criação é Deus e Deus é a Criação. Estes recebem o nome de “panteístas” (do grego “panta”= fluir para o todo; “theos”= deus);
2. Os que acreditam num único Deus supremo, início de toda a criação, único criador, que não tem antecedentes nem descendentes, eterno, raiz e dominador completo de tudo quanto existe na Criação. Estes são denominados “monoteístas” (do grego “monos”= um só, único; “theos”= deus);

3. Os que, muito embora acreditem que Deus é único, raiz de tudo o que existe (único Criador), dominador de tudo, sem antecedentes, e afirmam que ele tem três modos pessoais de se manifestar na Criação são denominados de “trinitaristas”, ou seja, acreditam na Santa Trindade.

4. Os que, embora aceitem que Deus é único, eterno, Criador sem antecedentes, Supremo, e afirmam que ele, num dado momento da eternidade, viu parte da sua criação fugir de seu controle e transformar-se, pelas mãos da maldade e do erro, numa segunda criação, sobre a qual ele não tem completo domínio e da qual se mantém distante e separado, utilizando-se de uma hierarquia de Anjos para fazer seus atos e forças chegarem à matéria e influenciá-la, são denominados “dualistas”, ou seja, professores da idéias de dois deuses criadores. Estes também são denominados “deístas”, porque separam Deus de sua criação e dizem que ele não atua diretamente nela, ressaltando seus aspectos transcendentais. O termo “teísta” lhes é oposto e significa o modo de conceituar Deus como soberano controlador de toda a criação, agindo diretamente nela sem necessitar de intermediários (todos os teólogos ortodoxos, quer sejam católicos, protestantes, ou de outras correntes gostam de se definir como “teístas”).”

5. Aqueles que, ao contrário dos “dualistas”, negam qualquer forma de poder criador que não seja o de Deus; que não aceitam a ideia de que ele não tem controle total sobre o Todo e sobre esta Criação perecível na qual vive o homem, e opõem-se à ideia de que Deus, por ser de natureza muito diferente daquela que é inerente à matéria, está absolutamente separado dela são denominados “monistas”, ou seja, acreditam num Poder único, supremo, que domina completamente o Todo, independentemente desse Todo ter naturezas que não lhe são afins ou harmônicas.

Muitos grupos esotéricos atuais, talhados pelo pensamento monista, acreditam que, voltando-se para a parte material do homem, podem aí encontrar alguma força capaz de evoluí-la ou melhorá-la. Utilizam-se, portanto, de técnicas diversas para trazer à tona essas forças e, por meio delas, dar prosseguimento a essa evolução.

Os dualistas, entretanto, acreditam que a matéria, no seu estado atual, não possui em si mesma nenhuma força capaz de melhorá-la, e que nela só há sombras e tendência para o mal. Eles buscam a força da transmutação fora do mundo material e fora dos diversos compostos materiais que entram na constituição do homem-matéria.

Como dualistas, os essênios ensinavam que o corpo material do homem é uma “massa de barro, uma casa da escuridão, uma fonte de impureza e uma nudez vergonhosa...” (palavras do Mestre essênio da Retidão no documento do Mar Morto 1QH). Eles diziam abertamente: “para o homem feito do pó não há esperança alguma de redenção” (palavras, igualmente, do Mestre essênio da Retidão no 1QH).

Assim, os essênios, apesar de manterem o corpo material o mais limpo possível mediante excessivos cuidados higiênicos, não viam nestes nada mais que uma condição mínima de pureza necessária, para que, nos seus rituais sagrados, a “força da Misericórdia de Deus, que vem do fundamento da Luz e é estranha ao fundamento da matéria e da escuridão, os tocasse como esperança de Redenção” (palavras do documento CD, dos Escritos do Mar Morto).

Também os yossênios, ou mandeanos, nascidos dentro da mesma raiz dualística, dizem à alma do falecido no seu Ritual dos Mortos: “livraste-te dessa cobertura de carne, morada dos astros, repleta de impiedade... (Ritual da Masqtah).”

Os primeiros cristãos não seguiram outro caminho que não o do dualismo, até que, defrontados com um movimento muito forte dentro de suas comunidades, acabaram perdendo terreno para a ortodoxia. Os cristãos gnósticos, porém, conservaram essa posição até o século IV d.C. e, depois deles, os maniqueus seguiram até o século XIV d. C.

Jacob Boehme, embora tenha uma posição muito hermética e bastante velada sobre o relacionamento de Deus com a Criação, não deixa dúvidas quanto à sua direção, oposta àquela do monismo. Por causa disso, é admirado por grupos monistas, mas nunca visto na sua real qualidade de grande hierofante e poderoso mestre da senda espiritual. Chamam-no de místico e, às vezes, de “filósofo interessante”, mas que, segundo eles, em nada contribuiu para o caminho iniciático, tendo apenas manifestado uma doutrina muito individual e nada universal.

E por que os monistas mantêm essa opinião? Porque não observam na matéria a natureza má em oposição ao espírito e, portanto, têm esperanças de poderem, com exercícios e técnicas, levar o bem e mal, nela intrincados irrecuperavelmente, se separarem e, pelo pólo do bem, fazer o homem-matéria evoluir. Assim, não encontrando em Boehme a revelação de nenhuma dessas técnicas, esses monistas dizem que ele não contribuiu para a senda espiritual iniciática.

O rosacruz Eckharthausen diz em seu livro *A Nuvem sobre o Santuário*: “A matéria grosseira que envolve o sensorio interior do homem é uma catarata ou véu que cobre a visão intelectual e torna a visão externa inapta para a o mundo espiritual. Essa mesma natureza material ensurdece nosso ouvido interior, de maneira que não ouvimos mais os sons do mundo metafísico; ela paralisa a nossa língua interior, de forma que não podemos nem mesmo balbuciar as palavras de força do espírito que pronunciávamos outrora e pelas quais governávamos a natureza exterior e os elementos”.

Em sua obra acima citada, Eckhartshausen diz o seguinte: “O homem material mais elevado e mais puro ainda guarda em si sete princípios do mal.”

Vê-se, portanto, que para o rosacruz Eckharthausen não há como fazer o homem-matéria evoluir ou melhorar, tanto que em outro trecho, no qual mostra a sua opinião dualista ainda mais claramente, ele diz: “A verdadeira edificação do templo consiste unicamente em demolir a miserável cabana adâmica [ou seja, esse corpo e ego material] e construir o templo da divindade.”

O caminho iniciático concebido pela Sabedoria clássica sob as mãos de Melquisedeque, que chegou aos essênios expresso por uma Doutrina Dualística, passou para os primitivos cristãos, depois para os cristãos gnósticos, em seguida para os cátaros e Templários do Santo Graal, e destes para a Rosacruz da Idade Média, consiste nessa demolição do homem-matéria e na edificação do homem-espírito.

Em outro lugar, Eckhartshausen expressa-se ainda mais reveladoramente, mostrando qual é o processo de Redenção que o Portal de Melquisedeque fez conhecer, desde os primórdios, aos que querem vencer o homem-matéria e reerguer o homem-espírito. Ele diz:

“Esta necessidade para a recuperação da Redenção dos homens determinou à Sabedoria ou Filho de Deus dar-se a conhecer ao homem como sendo a ‘substância pura da qual tudo fora feito’. A esta substância pura é reservado vivificar tudo o que está morto e purificar tudo o que é impuro.”

“Mas para que isso se realizasse; para que o divino, encerrado no invólucro da substância da mortalidade no interior do homem, fosse aberto novamente; para que o mundo pudesse ser regenerado, era necessário que esta substância divina se humanizasse e transmitisse a força regeneradora ao humano. Era necessário, também, que esta forma divino-humana fosse morta, a fim de que a substância divina e incorruptível contida em seu sangue pudesse penetrar no interior da Terra e operar uma dissolução progressiva da matéria corruptível, e a Terra, em seu devido tempo, pura e regenerada, possa ser recuperada pelo homem e nela ser plantada a Árvore da Vida. Porque, pelo gozo do fruto desta Árvore, que encerra em si o princípio imortal, o mortal em nós será aniquilado e o homem curado do envenenamento provocado pelo gozo do fruto do princípio mortífero.”

É estranho aos monistas o ensinamento de que o homem é um corpo semimorto, inteiramente contaminado pelo veneno mortífero da matéria; de que a substância curadora desse corpo, ausente no mundo terrestre antes da vinda de Jesus, aqui foi trazida por Ele e derramada do alto da cruz, juntamente com seu sangue, no coração planetário. Eis a razão de muito se admirarem quando observam tal preceito nos escritos dos rosacruzistas da Idade Média, como Eckhartshausen e Jacob Boehme. Porém, não o julgam espiritual nem capaz de contribuir para o conhecimento de alguma técnica iniciática monista.

Uma postura monista menos radical é capaz de conceber a grandiosa e muito bela filosofia dualista dos rosacruzistas medievais e do Cristianismo gnóstico dos primeiros quatro séculos da Era de Peixes, bem como o sublime ensinamento dualista dos essênios (redescoberto nos Documentos do Mar Morto) dos mandeanos, em obras como o *Ginza*, e nos trabalhos de pesquisa da escritora Lady Drower (E. S. Drower, *The Secret Adam*, Oxford, 1960).

## **PARALELO 8**

### **NÃO TEMOS NOTÍCIA DE COMO OS GRUPOS DUODÉCUPLOS JESSÊNIOS LIDAM, EM SUAS REUNIÕES, COM A QUESTÃO PRÁTICA DA DEMOLIÇÃO DO EU. PODEREMOS, AO MENOS BASICAMENTE, SABER COMO É TRATADA ESSA QUESTÃO?**

O grupo duodécuplo jessênio tem por finalidade realizar o que os gnósticos antigos chamavam de Ekklesia. Em nossas reuniões, jamais lançamos mão de métodos de constrangimento das manifestações naturais ou planejadas do ego. Se assim agirmos, toda sorte de ventos malignos e de sombras instigarão a tendência para o mal em nossos grupos. Nossa atitude é de paz, sem uso de nenhuma forma de agressão.

Os jessênios se organizam em torno das revelações do senhor Jodachay Bilbakh acerca do Evangelho da Pistis Sophia. Essa obra foi estabelecida em quatro volumes, dois dos quais são públicos e dois de acesso somente aos alunos jessênios. No quarto volume, o mebaker deixa entrever o método de condução dos grupos duodécuplos e dá uma tônica ainda mais profunda nos motivos pelos quais nos reunimos em grupos de doze.

De tudo o que ali se expõe, podemos mencionar que cada uma das atitudes e cada detalhes dessas reuniões procuram refletir o método sacerdotal típico da Fraternidade de Melquisedeque ou Fraternidade do Santo Graal.

Cada elo ou escola de mistérios surgida do Portal de Melquisedeque formou o chamado “grupo apostolar duodécuplo” como expressão da Hierofania dos Mistérios de Cristo. O último elo dessa hierofania foi a Escola de Mistérios dos Rosa-Cruzes. Ela constitui, portanto, uma referência muito respeitada e muito apreciada pelos jessênios. Eis por que buscamos muito em Eckhartshausen, em Jacob Boehme e em Johann Valentin Andreae um referencial e testemunho para as nossas atitudes de organização, confraternização e modo de convivência espiritual.

Esses nobres exemplos nunca deixaram margem para qualquer comportamento agressivo que constrangesse ou atacasse qualquer irmão em sua vida natural de erros e dificuldades no caminho espiritual. Pelo contrário, a conduta deles forma um grande e poderoso testemunho do verdadeiro amor (ausência de luta contra aqueles que os agrediam por ignorância ou ódio) e do espírito verdadeiramente fraternal.

No livro *A Nuvem sobre o Santuário*, Eckhartshausen diz: “Todas as disputas, todas as controvérsias, todos os objetos da falsa prudência do mundo, todos os idiomas estrangeiros, as vãs dissertações, os germens inúteis das opiniões que propagam a semente da desunião, todos os erros, os cismas e os sistemas, dela [da verdadeira Escola interior dos Mistérios crísticos] estão banidos. Não se encontram ali nem calúnias, nem maledicências; todo homem é honrado. A sátira, o espírito que gosta de se divertir a custa do próximo são ali desconhecidos, e somente se conhece o amor.”

“A calúnia, esse monstro! não levanta jamais, entre os amigos da Sabedoria, sua cabeça de serpente; o respeito mútuo é ali observado rigorosamente; ali não se notam as faltas do próximo nem se lhe fazem críticas sobre os seus defeitos. Caridosamente, conduz-se o viajante ao caminho da Verdade, procura-se persuadir, tocar o coração que está em erro,

deixando a punição do pecado à clarividência do Mestre da Luz. Alivia-se a necessidade, protege-se a fraqueza, rejubila-se da elevação e da dignidade que o homem adquire.”

“A felicidade, que é o dom do destino, não eleva ninguém mais alto que o próximo; somente se considera feliz aquele ao qual se oferece ou se apresenta a ocasião de fazer o bem a seu irmão, e todos estes homens, que um espírito de verdade une, formam a Ekklesia invisível, a sociedade do Reino interior, sob um chefe único, que é Deus.”

Jacob Boehme, no *Mysterium Magnum*, ao comentar a história do Gênesis, capítulo 34, dá um exemplo muito claro do que nós, jessênios, praticamos como ajuntamento comunitário sagrado. Lemos no capítulo LXII:

“item 7- Quando a cristandade aparece no meio de um povo, primeiro ela gera, nesse lugar, os 12 patriarcas, ou seja, o fundamento do ensino apostólico; porém, quando eles se misturam aos sábios pagãos e à sua volúpia carnal, geram Dináh, ou seja, a prostituição com Cristo, uma falsa cristandade, cujo coração não sonha senão com a prostituição, e esta prostituta vai vagar por fora e visitar os costumes dos povos.

“item 10- Nós vemos aqui o poderoso símbolo da cristandade atormentada pela discórdia e como que ela se obstinaria nas opiniões sectárias, sobretudo em grande cegueira sem mesmo saber o porquê. E, como não percebia o que desencadearia em sua própria prostituição, e não pela força da cristandade verdadeira, isto é, não pela verdadeira vida cristã, mas por suas opiniões pessoais, ou seja, por uma irmã Dináh, que foi vagar longe da cristandade verdadeira, e que se apaixonou tolamente por opiniões estranhas; acolhem pois, a opinião da prostituta, sem ver como poderiam socorrer o coração da sua irmã, no qual reside toda a prostituição, da mesma forma que os filhos de Jacob não se preocuparam de modo algum em amenizar o mal por que a sua irmã foi desonrada; e, conquanto Hamor e Siquém oferecessem pagar o dote e esposar e amar a irmã deles, deixar-se circuncidar e não fazer senão um só povo com eles, propondo-lhes seu amor, sua fidelidade e sua amizade, tudo isso não lhes serviu de nada.”

Neste trecho, Boehme perscruta profeticamente a história narrada em Gênesis, capítulo 34. Tudo quanto revela pelo sopro dessa ação iluminada é de vital importância para alinharmos o tema sobre o método de condução dos trabalhos espirituais em nossos grupos duodécuplos.

No item 7, Boehme faz uma revelação, antes já marcadamente mostrada nos Evangelhos gnósticos, em especial no Evangelho Cátaro e no da Pistis Sophia: para onde seguem as correntes de discípulos do verdadeiro Cristianismo, ali nascem os grupos duodécuplos, chamados, no gnosticismo cristão, de *Ekklesia*.

Depois, ele mostra que, nesses grupos duodécuplos, deve-se evitar, a todo custo, o espírito de Dináh, ou seja, o gosto pela opinião pessoal, estranha à Verdade e importada de outras fontes. Levadas ao grupo, a mescla dessas opiniões com o bom ensinamento dos grandes instrutores da Verdade e com as Sagradas Escrituras faz surgir toda sorte de discordância, de discussões estéreis e provocadoras de divisão e dissensões.

Desse modo, pedimos aos participantes dos grupos duodécuplos que recebam os ensinamentos secretos, tanto orais quanto escritos, com um espírito distante daquele indicado por Boehme como Dináh. E ainda, que verifiquem tudo, pesquise e externem sua opinião

quando tiverem certeza de que ela vem de um sopro do Espírito da Verdade e da Sabedoria, e, ao fazê-lo, tenham por intenção engrandecer e enriquecer o grupo com os efeitos do dom do Espírito da Sabedoria, que se move no interior do aluno.

Numa terceira observação, Boehme ensina que o homem gera, com suas opiniões pessoais distantes da Verdade, uma prostituição com o verdadeiro e bom ensino, causando, assim, toda sorte de violência, más interpretações, muita consternação, espírito de disputa, acusação, maledicência e guerra, em oposição ao espírito que deve nortear uma genuína comunidade gnóstico-cristã.

O espírito genuíno que norteia a real Comunidade Cristã dos Mistérios Libertadores não gera violência e não concorda com ela. Respeitosamente, silencia perante a manifestação natural do ego de algum irmão e guarda toda má obra gerada por este no cofre da amabilidade e da convicção de que na alma cujo ego ainda não declinou, em algum tempo a Verdade triunfará do charco em que se encontra mergulhada.

A esse respeito, há, entre os jessênios, um cuidado especial para evitar que as reuniões tornem-se um *hobby* esotérico, ou uma espécie de clube do chá ou de encontro cuja pauta são os assuntos do dia a dia, as notícias, os escândalos ou a banalização de diferentes meios esotéricos frequentados ou conhecidos por alguns alunos.

Um encontro jessênio, embora ocorra de forma descontraída e sob o manto do perdão, do amor e da compreensão dos limites impostos pelo ego e pela doença da Queda, deve transcender sob o espírito da inspiração divina, e ater-se unicamente ao seu objetivo, que é formar uma Ekklesia. Assim é o Cristianismo jessênio típico, o mesmo praticado por Boehme, os gnósticos cristãos e os rosacruzes medievais com todo o ardor de seus corações repletos de fé e de sabedoria.

O pesquisador que, cogitando aderir à corrente discipular jessênica, quiser observar a formação duodécupla da nossa Comunidade deve saber, de antemão, que nossos esforços, humanos e supra-humanos, concentram-se em fazer desses encontros um referencial único, um ponto de partida positivo e muito sério da nossa vida discipular diária.

Essa prática discipular é no sentido de se observar, com uma visão grupal mais ampla, as instruções escritas e orais da nossa Comunidade, que visam conduzir o homem-matéria ao estado de altar do sacrifício do ego, onde, aquecido por chamas de amor e anseio de unir-se à Luz, ele se entrega a uma absoluta transformação ou morte sacrificial, em prol do surgimento do homem-espírito.

## **PARALELO 9**

### **PODEMOS SABER ALGO SOBRE AS ORIGENS DA COMUNIDADE JESSÊNIA, E COMO O TRABALHO DELA VEIO ATÉ O OCIDENTE? A COMUNIDADE JESSÊNIA NASCEU DE ALGUMA DISSIDÊNCIA DE OUTRAS ORDENS?**

Ainda que apontemos o ano de 1970 como marco inicial da Comunidade Jessênia Oriental, quando o Rabi Jodachay Bilbakh solicitou iniciação na Gnosis judaica ao mestre cabalista Yalladhay, para sermos fiéis à história dos acontecimentos, devemos entender que o Rabi Jodachay ingressava em uma já bastante desenvolvida Comunidade de judeus estudantes de Cabaláh.

De fato, a atuação do mestre cabalista Yalladhay pode ser verificada desde 1950 e alguns dos seus discípulos surgiram entre os anos de 1955 e 1960.

Em 1960, entretanto, uma série de novos fatos ocorreram na atmosfera espiritual e cabalística judaica mundial, que não passaram despercebidos pelo olho hierofântico do senhor Yalladhay. Ele detectou, no horizonte espiritual da Terra, o surgimento dos primeiros raios da Era de Aquarius e, conhecedor dos ciclos das Escolas de Mistérios sobre a Terra, preparou-se, desde então, para uma mudança profunda no quadro espiritual da Gnosis judaica.

No início de 1962, alguns sinais astrosóficos muito aquarianos foram notados nos céus por todos os grandes hierofantes em atuação entre os homens. Um deles, o senhor Yalladhay, constatou que o amanhecer aquariano já se havia mostrado em alto desenvolvimento no oceano sideral ao redor da Terra. Ele intensificou, então, o preparo da sua Comunidade de discípulos a fim de defrontarem-se positivamente com o revolucionário planeta que regeria a nova era, Urano.

Com sede em Jerusalém, a Comunidade do mestre Yalladhay verificou, entre 1968 e 1970, por efeito de novos dons, que seu preparo discipular lhe proporcionava sinais claros de que a Cabaláh receberia um impulso hierofântico sem igual em toda a história. O mestre Yalladhay, observando o amadurecimento de parte dos discípulos e antevendo que algo dessa hierofania urano-aquariana manifestar-se-ia nele, convidou o seu grupo para penetrar no conteúdo esotérico das descobertas de Qumran.

O grupo do mestre Yalladhay era fundamentalmente judaico e rabínico e vivenciava uma Gnosis judaica autêntica em torno da Toráh e de Moisés. Entretanto, ao irem em direção aos essênios e ao conteúdo das descobertas de Qumran, tomaram um caminho ousado e muito singular na história do rabinismo de todos os tempos.

Data dessa época, 1970, a chegada de um jovem rabino ao grupo, preocupado com a espiritualidade hebraica e com a sedução que a ideia sionista provocava no povo judeu. O rapaz manifestou-se um autêntico buscador da Verdade e uma alma indômita repleta de sentimentos espirituais. Admitido em circunstâncias especiais naquele grupo, ele não tardou a sobressair-se como um grande e dedicado hierofante.



Em 1975, o já mestre Jodachay Bilbakh, bastante consciente da sua hierofania, propôs uma incursão mais consciente e profunda no tesouro espiritual dos Escritos do Mar Morto, em especial à espiritualidade praticada pelo Mestre Essênio da Retidão.

Esse Mestre havia proposto aos seus discípulos uma prática espiritual baseada em Cinco Selamentos de Mistérios: um Batismo, uma Unção, uma Refeição Sagrada, um Mistério da Redenção ou Transfiguração e um Mistério das Bodas Santas.

Tal proposta causou incômodo e inquietação numa parte da Comunidade do mestre Yalladhay, não preparada, da mesma forma que seus irmãos, para a assimilação das forças de Urano; preferiam permanecer na linha estritamente judaica-talmúdica da Cabaláh, sem arredar pé da Gnosis de Moisés. Desejavam, portanto, continuar ligados ao culto da sinagoga e à profissão de fé básica que os mantinham como grupo ligado ao judaísmo ortodoxo.

Entretanto, ao aceitar a nova idéia gnóstico-judaica do Mestre Essênio da Retidão, o grupo deveria, conscientemente, sair da Aliança de Deus com Moisés, a da Circuncisão e da Toráh, para se lançar na Nova Aliança baseada na visão essênia da instrução profética de Isaías, Jeremias, Habacuque, Daniel, Ezequiel e Miquéias. Além disso, deveria aceitar a idéia de que o Messias viveu entre os últimos essênios, perto dos anos que, na cronologia cristã, coincidem com a vida de Jesus de Nazaré entre os judeus.

Tais idéias eram, para um grupo judeu, muito arrojadas, heterodoxas e bastante próximas do cristianismo, o que constituía hipótese impossível e absurda para alguns daquela Comunidade. Entretanto, objetivando averiguar em que se tornariam aquelas novas diretrizes, o grupo permaneceu coeso e com uma expectativa espiritual voltada para a conciliação com sua consciência rabínica.

O mestre Yalladhay e o senhor Jodachay Bilbakh, entretanto, mantinham seus olhares em direção a Aquarius. Desejavam, devido às suas descobertas do conteúdo esotérico de Qumran, formar uma comunidade inteiramente baseada na espiritualidade essênia e ativar os Cinco Mistérios Selativos praticados pelos essênios. O dualismo filosófico dos misteriosos senhores de Qumran exercia sobre esses mestres uma poderosa atração.

Permaneciam, porém, algumas questões difíceis de resolver: como reativar a espiritualidade essênia e formar com ela uma ligação moderna e aquariana, se os essênios haviam desaparecido da Terra há muitos séculos? Como receber o batismo e a unção praticados por eles? Quem lhes administraria tais Selamentos de Mistérios? Onde encontrar um remanescente essênio? O grupo meditou sobre isso até 1978.

Nesse ano surgiu a notícia de que as descobertas de Nag Hammadi estavam traduzidas e disponíveis, no Cairo, Egito. O grupo do senhor Yalladhay, vitimado por grande perseguição devido a algumas palestras públicas do senhor Jodachay Bilbakh acerca dos essênios e do conteúdo esotérico dos documentos de Qumran, viu-se muito vigiado, portanto, impossibilitado de fazer uma viagem livre e segura até o Egito. Entretanto, um dos discípulos, Ibny Esra, providenciou um modo clandestino de efetuar essa viagem e chegar ao destino desejado. Descobriu que poderiam misturar-se a um grupo de árabes nômades que, por não serem nem cristãos nem muçulmanos, eram aceitos entre os diversos países vizinhos sem maiores problemas.

Ao firmar amizade com o patriarca do grupo árabe, o senhor Jodachay descobriu que eles eram mandeanos, últimos sobreviventes do grupo essênio de João Batista, e que praticavam os Cinco Selamentos, embora muito modificados. Essa notícia agradou profundamente ao mestre Yalladhay, que aguardou a ida de sua comitiva até o Egito para, no retorno, aceitar a hierofania quántupla dos mandeanos.

Na volta, o patriarca árabe levou os discípulos do mestre Yalladhay até o lugar do Jordão, por eles identificado astralmente, onde João Batista batizara, aplicou-lhes, ali, o Batismo Joanino e ensinou-lhes o modo mandeano de reunirem-se para a Refeição Sagrada. Ministrou-lhes, ainda, o sagrado e secretíssimo Ritual da *Masqta* ou *Consolamentum*, uma espécie de Ritual dos Mortos, que tinha por função guiar o irmão mandeano pelos mundos do além-túmulo à região da sua ressurreição na Luz infinita dos Anjos.

Com tal ato, a Comunidade do mestre Yalladhay tornou-se judaico-mandena. Os que não desejavam abandonar o rabinismo afastaram-se. O patriarca mandeano, observando o tipo de Hierofania que despontava no mestre Yalladhay, no Ibny Esra e no Senhor Jodachay Bilbakh, instruiu-os a procurar uma forma de Nova Aliança no esoterismo ou na Cabaláh cristã e a ampliar suas hierofanis para todo o Ocidente.

Novamente o grupo deparou-se com questões difíceis: onde encontrar ligação com uma fraternidade de Mistérios cristã? Como receber de um hierofante cristão o Batismo e os demais Selamentos de Mistérios? Entregaram as suas expectativas e esperanças à Luz.

O senhor Jodachay Bilbakh possuía, em Jerusalém, aberto ao público, mas muito discreto, um sebo de obras raras e secretas, todas manuscritas em hebraico. Certo dia, ao fechar cedo sua loja, observou, sobre o balcão, um embrulho de papel especial, amarrado com barbante. Supondo que algum freguês o houvesse esquecido, pegou-o na intenção de guardá-lo, mas sentiu que o pacote fora deixado ali para ele. Após muito relutar, abriu o volume e encontrou um livro com título em hebraico, *Sharrar*, cujo significado é Aurora. Imaginou ser uma obra rara, que há muito procurava, porém, abrindo-a, verificou tratar-se de um autor alemão: Jacob Boehme.

Durante toda a noite, leu o livro com a alma em grande alegria e, logo de manhã, levou-o ao mestre Yalladhay. Este, ao observar a profundidade do escrito, reuniu o que lhe restara de discípulos para saborearem tão magnífica leitura. Unânimes, todos reconheceram naquelas instruções o Cristianismo hierofântico com o qual procuravam contato. Restava saber quem havia levado o livro à loja do senhor Jodachay. Seria um representante da Hierofania cristã? Como localizá-lo? Notaram, então, no final do escrito, uma lista das demais obras de Jacob Boehme, e passaram a nutrir esperança do retorno, para entregar o volume seguinte, daquele que destinara às mãos do Mebaker Jodachay a extraordinária literatura. De fato, um mês depois, eis novamente sobre o balcão da loja, em um dia tumultuado, o segundo volume, intitulado *Os Três Princípios da Essência Divina*.

Na leitura do novo volume, o grupo lamentou a não identificação do homem que lhes estava presenteando tão sublimes instruções cristãs.

Após seis meses, o estranho reaparece. Da escada que dava acesso às estantes mais altas, o senhor Jodachay observou que entrava em sua loja um senhor vestido de forma característica de um estrangeiro, com um embrulho semelhante aos anteriores. Desceu

imediatamente e, ignorando os presentes, fechou o estabelecimento e telefonou para Ibny Esra anunciando-lhe a presença do misterioso senhor.

Houve tumulto na loja, provocado tanto pelos que estavam trancados, quanto pelos que, de fora, tentavam entrar. O cavaleiro garantiu-lhe, então, que não fugiria; com essa promessa, as portas foram abertas.

O cavaleiro era um judeu de nascimento alemão, que viera da Europa movido por inspiração divina, a fim de contatar o grupo do mestre Yalladhay e guiá-lo, em seu desejo de alma, ao regaço da Hierofania cristã. Na viagem para o Oriente, levou consigo uma rara biblioteca de obras herméticas, alquímicas, rosa-cruzes e gnósticas antigas, traduzidas para o hebraico em letras cursivas, à mão.

Esse senhor identificou-se como um judeu levado ao regaço do Cristianismo rosacruz europeu, no qual surgiu sua Hierofania. Durante o período na Comunidade do Mestre Yalladhay, não permitiu que seu nome fosse revelado; autodenominou-se Irmão L.C.N.

O Irmão L.C.N. levou o grupo do Mestre Yalladhay aos Cinco Selamentos Gnóstico-Cristãos e à legítima Hierofania cristã. Já idosos, ele e o Mestre Yalladhay designaram Mebaker (líder e Hierofante fundador de uma Escola de Mistérios) o senhor Jodachay Bilbakh, e pediram-lhe que fosse denominada Comunidade ou Fraternidade Jessênia a Escola que com eles se iniciava, em homenagem aos antigos jessênios, os essênios do grupo de Jesus de Nazaré.

A visão iluminada do Mebaker Jodachay Bilbakh avistou uma nova adesão à Comunidade Jessênia Oriental: um jovem do Ocidente, com capacidades acadêmicas raras e alma calcada na busca espiritual, que seria responsável pelo ramo ocidental da nascente Comunidade, e comunicou sua visão aos Mestres L.C.N e Yalladhay. Ambos entenderam, então, os rumos que a Luz da Sabedoria Divina queria dar ao grupo jessênio, e passaram a esperar o jovem, com grande expectativa.

O jovem chega à Comunidade Jessênia Oriental em 1979 e, no ano seguinte, foi admitido como discípulo. Seminarista protestante, ele, da mesma forma que o Mebaker em relação ao judaísmo rabínico, sentia um grande descontentamento com a ortodoxia evangélica, e com as religiões em geral. Recebeu o nome discipular de Ibny Joshai, e entre 1980 e 1984 foram-lhe conferidos os Cinco Selamentos e a iniciação gnóstico-cabalística.

Depois dessa iniciação, o Ibny Joshai desvinculou-se da crença protestante, do mundo de idéias baseadas no dogmatismo estreito e se entregou totalmente à nova doutrina cristã.

De 1984 a 1993, o Ibny Joshai preparou-se interiormente para o discipulado mágico-sacerdotal, guardando em silêncio e profunda reflexão o que a Gnosis lhe destinara no caminho espiritual. Nesse período, sua vida constituiu-se em intercalar a profissão com a grande atividade de tradução dos escritos hebraicos criptografados do seu mebaker (mestre Hierofante), preparando os seus livros para publicação, dentre eles o *Evangelho da Pistis Sophia*, *Aurora Nascente*, *Cabala — Herança Gnóstica de Israel* ou *O Jardim Selado da Cabala* e *Os Setenta e Dois Anjos da Cabala*.

Em Outubro de 1993, no teatro Francisco Nunes, em Belo Horizonte, ele realizou uma muito anunciada palestra pública, na qual apresentou a Comunidade Jessênia como uma

espécie de semente ainda enterrada em solo profundo, aguardando os dias do seu primeiro broto. Nessa ocasião divulgou o documento denominado *Manifesto Jessênio de 1993*.

Sob o impulso dessa palestra, muitas outras, solicitadas por grupos e Ordens esotéricas, ocorreram, todas no sentido de mostrar o conjunto de obras cabalísticas e gnóstico-cristãs do senhor Jodachay Bilbakh e suas revelações acerca dos documentos da biblioteca gnóstica de Nag Hammadi e dos documentos do Mar Morto.

O conteúdo do *Manifesto Jessênio* (que pode ser adquirido sob a forma de livrete) também era focado nas palestras de 1993. Nelas procurava-se caracterizar a Comunidade Jessênia como uma Escola de Mistérios Cabalísticos Cristãos, bem como uma organização comunitária gnóstica regida por uma hierofania oriental, mas inteiramente adaptada a Aquarius e à realidade espiritual ocidental.

Aquarius é regido pelo planeta Urano, que determina uma nova atividade de manifestação do Logos de Deus. Em Peixes, o Logos irradiou sua poderosa Luz libertadora, de tal modo que todos os discípulos eram convidados a olhar para essa Luz e ver nela a Verdade em sua ação libertadora. Em Aquarius a Luz cambia de estado, passando para o de Som, e deste para o de Vida, de tal forma que, nesta era, são bastante válidas as palavras de Paulo na Epístola aos Hebreus: “(HB 3:6) - Mas Cristo, como Filho sobre a sua própria casa; cuja casa somos nós, se tão somente conservarmos firme a confiança e a glória da esperança até ao fim. (HB 3:7) - Portanto, como diz o Espírito Santo: *Se ouvirdes hoje a sua voz*, (HB 3:8) - *Não endureçais os vossos corações*, como na provocação, no dia da tentação no deserto.”

Sob o impacto dessa palavra evangélica altamente aquariana, inspiradora do texto do *Manifesto Jessênio de 1993*, foi desvelado algo dos segredos do Som da Instrução Espiritual (ou instrução do Espírito divino) e também de como a boca do Hierofante serve de instrumento do Verbo em sua cambiante transformação de força-Luz e força-Vida em força-Som da instrução libertadora.

Depois dessa palestra e do conjunto de outras que a sucederam, o Ibny Joshai voltou ao estado de sigilo total. Dedidou-se à tradução do conteúdo das obras escritas em hebraico criptografado pelo mebaker Jodachay entre 1980 e 1984 e guardou o tesouro da mensagem jessênia até setembro de 2001. Em 1997, com o desenvolvimento do seu discipulado, sentiu que estavam amanhecendo os dias da manifestação da Comunidade Jessênia Ocidental como uma Escola de Mistérios Aquariana. Então, tomou a decisão, sob a orientação hierofântica do mebaker Jodachay Bilbakh, de disponibilizar na Internet, a primeira *home page* jessênia. Um primeiro grupo de simpatizantes apresentou-se como voluntário para tal serviço e o iniciou imediatamente, de tal forma que, em março daquele ano, a página já estava no ar e muitos interessados nos contataram por e-mail.

À época dos primeiros contatos com o público pesquisador, o Ibny Joshai não possuía meios de acesso à internet, motivo por que a comunicação dava-se com muita dificuldade e o trabalho ficava na dependência de simpatizantes que, apesar da voluntariedade e anelo positivos, ainda aguardavam a definitiva manifestação da Comunidade Jessênia.

As primeiras exposições do ensinamento jessênio, realizadas semanalmente, datam de 1995. Os grupos pioneiros de jessênios ocidentais formaram-se no início de 1998 e acompanharam de perto nossos esforços para superar as grandes dificuldades enfrentadas pela

nascente Comunidade. Todas as tarefas eram empreendidas com muita luta, os interessados não dispunham de nenhum recurso financeiro e pouco entendiam a arrojada Gnosis Aquariana.

No ano 2000, próximo à data da manifestação pública da Comunidade Jessênia, surgiram alguns singelos recursos provenientes de pessoas de boa vontade e inteiramente dedicadas ao caminho espiritual. Adquirimos um razoável nível de informatização, condições de acesso à internet e pudemos dar os primeiros passos para a instalação de uma gráfica artesanal. Assim, iniciamos a produção do material discipular e de outras literaturas, de forma a atender aos interessados em ingressar no discipulado jessênio.

Ainda nesse ano, intensificaram-se as trocas de e-mails com pesquisadores de todo o Brasil, surgindo a necessidade de dinamizar a tradução do material em língua hebraica e copta. E, em muitas localidades, a formação de grupos de pessoas dedicadas a buscar a Verdade resultou em uma nova modalidade de trabalho: a visitação para transmitir-lhes oralmente a forma quántupla do Cristianismo gnóstico jessênio, fundamentada na Gnosis de Valentino, a dos Cinco Selamentos de Mistérios. Data dessa época o desenvolvimento do segundo Selamento dos Mistérios, o dos Ibnys, os Ungidos.

Em 2001, melhoramos a *home page* jessenia, imprimindo-lhe o caráter cabalístico-gnóstico desejado pelo Mebaker Jodachay Bilbakh, e desenvolvemos meios de atender, de forma rápida e eficiente, aos discípulos que residiam em locais distantes. O acontecimento mais marcante de 2001 foi, entretanto, a palestra “O Messias e a Era de Aquarius”, proferida em 28 de outubro, no Rio de Janeiro, na Casa do Estudante, com a presença de pesquisadores da Cabaláh judaica e do Cristianismo gnóstico.

Depois dessa palestra, ocorreram vários contatos, pessoais e por e-mail, com pessoas muito dedicadas à pesquisa espiritual. Quando lhes foi mostrado o conteúdo interno e propriamente gnóstico da Comunidade – de forma espiritualmente mais arrojada que tudo quanto haviam conhecido na Era de Peixes – esses pesquisadores chegaram a uma profunda compreensão da proposta aquariana jessênia.

Motivados pelas descobertas espirituais efetuadas na Comunidade Jessênia (algumas delas já expostas neste trabalho, outras de caráter secreto e mais profundo) decidiram que seria necessário aderir a essa corrente discipular para, de uma vez por todas, alavancarem a iniciação espiritual, o que desejavam do imo do coração.

A partir da decisão dos pesquisadores do Rio de Janeiro, uma verdadeira onda de outros buscadores seguiram o mesmo exemplo, induzidos por séria pesquisa do material jessênio e por inquietação positiva de alma.

Outros grupos de pesquisadores têm-nos procurado, mas um cuidadoso método de aproximação e de adesão precisa ser observado. Nossa Comunidade tem grande respeito e amizade às diversas Ordens esotéricas que atuam no Brasil e no mundo. Assim, tomamos todas as providências possíveis para que as adesões à Escola Jessênia não constituam dissidências dessas Ordens. Por isso, frisamos, não solicitamos aos jessênios, em nenhum momento do seu longo discipulado cabalístico-gnóstico, que rompam com as Ordens a que já pertencem; ao contrário, insistimos que rupturas não são necessárias e, em muitos casos, estas tornam-se prejudiciais. Na jornada espiritual, desejamos somar, jamais sermos motivo de divisões ou subtrações.

Temos duas posturas aquarianas expressas por Paulo no Novo Testamento bíblico: “Quem não é contra nós, é por nós”, e “Li tudo, retive o que era bom”.

Pela primeira frase entendemos que toda Ordem ou Comunidade gnóstica ou esotérica, que tem por missão mostrar ao homem o seu verdadeiro estado de adoecido pelo mal da Queda, de entidade que necessita de um processo iniciático de cura espiritual para reconquistar sua antiga dignidade angélica, anterior ao acidente da Queda é, na verdade, uma fraternidade irmã, digna de respeito e admiração.

A segunda expressão revela o verdadeiro homem pneumático (homem espiritual para quem os Mistérios da Libertação é facultado) em sua pungente inquietação interior e dinamismo da busca, sem limites, da Verdade.

O homem pneumático, ao contrário do hylíco (materialista, do grego hylé, matéria) e do psíquico (ou religioso, que se guia nos assuntos espirituais apenas com o olho da fé comum) tem uma força interior advinda de sua Jóia no Lótus cardíaco, de tal maneira que se torna uma alma indômita, muitas vezes confundida com um “traidor dos sistemas estabelecidos”, um “perturbador da ordem” ou um “discípulo em eterna crise”. Muitos homens podem entrar nas fileiras das comunidades gnósticas dissimulando pérfida intenção, mas devemos deixar que o olho do hierofante observe a todos com imparcialidade, ausência de más intenções, amor e compaixão. Assim, evita-se que o homem verdadeiramente pneumático, em sua atitude revolucionária e questionadora, seja confundido com o traidor e mal intencionado.

Nas comunidades psíquicas ou esotéricas que não têm um hierofante como orientador é comum proibir-se outras literaturas e tecer-se um misticismo aterrorizador ao redor de outros instrutores da humanidade, autores de livros e literaturas esotéricas ou religiosas. O objetivo de tais atitudes é de manter anestesiado o espírito questionador de seus membros ou participantes e conduzi-los cegamente pelo medo, quando se deveria levá-los, livre e iluminadamente, à Verdade e à Sabedoria Divina. Esses organismos sentem necessidade criar, em seus associados, uma opinião negativa sobre os demais grupos religiosos ou esotéricos e utilizam-se de toda sorte de meios e argumentos para se afirmarem como “único grupo preconizador do método para a salvação e libertação da humanidade”.

Esses grupos, mais comuns no passado, como testemunha a História e documentam as descobertas arqueológicas, patrocinavam violenta oposição às comunidades gnósticas e a seu respeito disseminavam ondas de maledicência. Nutriam obscura inimizade por elas, pois observavam que o ensinamento gnóstico exercia inexplicável atração nas comunidades religiosas psíquicas, por eles conduzidas, atingindo-as como um fogo da Verdade, que despertava em seus membros sentimentos de liberdade e interesse pela pesquisa, antes anestesiados, considerados perturbadores e muito indesejáveis.

Esse tipo de associação psíquica do passado sobrevive até hoje, embora em número reduzido. Porém, as Ordens esotéricas nobres da atualidade observam nosso trabalho com o espírito de Paulo, anunciado nas palavras “quem não é contra nós, é por nós”. E por parte delas contamos, desde a manifestação pública da Comunidade Jessênia, em setembro de 2001, com a neutralidade e fraternidade.

Desse modo, a Comunidade Jessênia chega ao Brasil com o espírito aquariano

marcado pela fraternidade, como é próprio das Escolas de Mistérios de todos os tempos, e total liberdade de pesquisa: principais características de uma comunidade verdadeiramente pneumática e marcada pelo fogo da Gnosis.

No Ocidente, o responsável pela Comunidade Jessênia, Ibny Joshai, veio do meio protestante, onde observou toda sorte de estreitismo dogmático, cristalização da mensagem bíblica, e supervalorização da questão financeira, com que um grupo procurava mostrar poder sobre o outro, ostentando templos faustosos, complexas estruturas organizacionais. Todas essas constatações deram-lhe acurada experiência para interpretar a mensagem aquariana do Mebaker Jodachay Bilbakh, que exortava a simplicidade, humildade prática e uma forma de Cristianismo distante da ideia de estabelecer nos templos de cimento e mármore a Comunidade que deveria ser a Ekklesia Santa do Logos.

Em Aquário, as comunidades gnóstico-cristãs devem voltar à simplicidade dos discípulos de Jesus, sem hierarquias e muitos fraternais, prezando a igualdade de seus participantes. O Ibny não é uma autoridade gnóstica, é uma espécie de irmão mais velho que pode auxiliar os demais, sem, contudo, utilizar-se de seu avanço discipular para gerar em torno de si uma aura de autoridade, conduta esta própria dos que se encontram no estado psíquico-religioso, de fé dogmática. A fé gnóstica é independente, nasce no interior da alma, em seu ponto central, onde mora o princípio ativo de Deus, a Joia no Lotus Cardíaco.

Esse cristianismo gnóstico jessênio parece-se muito com o que, a todo instante, preconizava Jacob Boehme em suas obras, o que pode ser observado por aqueles que, por serem almas pneumáticas livres, verificam zelosamente qualquer escritura sagrada e literatura que expresse ou guarde o conteúdo da Verdade.

Os que desejam conhecer os segredos dos Mistérios Gnósticos Jessênios, e ir além do que nestes Paralelos foi tratado, poderão contatar-nos por e-mail. Nosso coração muito se alegrará em auxiliá-los em sua pesquisa.